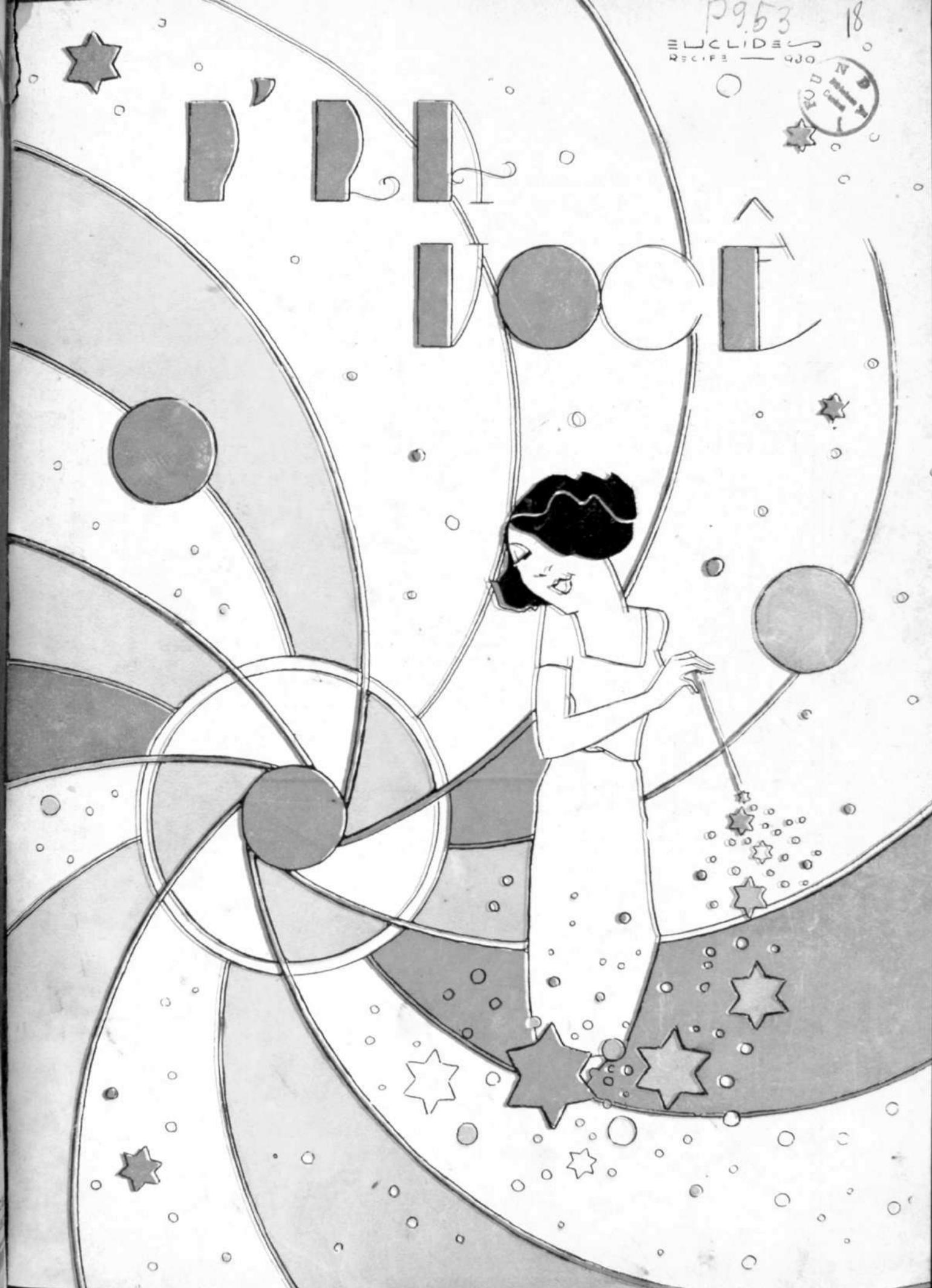




PIRE
DOO



P'RA VOCE

revista semanal ilustrada

DIRIGIDA POR
WILLY LEWIN
LUIZ C. AYRES

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
DO "DIARIO DA MANHÃ"
RUA DO IMPERADOR 227 - RECIFE

PREÇO

1\$000

Sabão Marmorisado

DA

SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO
MARMORISADO TEM EM
CADA BARRA A MARCA

“MARMORISADO L. B. C.”



Não corta o tecido e, pelas suas boas qualidades saponaceas, é sempre o preferido

ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TREZ DE QUALQUER SIMILAR



FABRICANTES:

Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.

RECIFE

A OBRA DE MAHATMA GANDHY

Sobre o movimento de Mahatma Gandhi foram escriptos até hoje oitocentos livros, porém nenhum occidental, nem mesmo aquelles que estiveram na India annos inteiros estudando o gandhismo, poude determinar com certeza sua finalidade

A principal característica do gandhismo e tambem sua originalidade é constituída, como é sabido, pela aversão que o agitador demonstra pela violencia... Para Gandhi, as unicas armas revolucionarias legitimas são a anti-cooperação aos planos dos dominadores e a negativa de todos os hindús a porem-se em contacto com as manifestações occidentaes. Esta abstenção comprehende não só a “boycotagem” dos productos europeus como tambem o abandono, em massa, de todos os meios de civilização importados pelos europeus, trens, correios, telegraphos, etc., a suspensão de todos os trabalhos inclusive os do campo e, até a renuncia ao matrimonio.

A concepção da luta pela conquista do *Swaragi*, isto é, da India governada só por indianos, chega em Gandhi a um verdadeiro frenesi, quando opina que o povo hindú deve affrontar serenamente o problema da sua au-

to-destruição para se livrar da influencia occidental.

“Supprimamos — diz por fim, Gandhi — e não procreemos mais filhos, mantenharnos á força de carestia abandonando o cultivo dos campos e transformando a India num cemiterio tão espantoso que obrigue os europeus a se retirarem horrorizados.

O brahmanismo, o culto de Siva, é, ha três ou quatro mil annos, o despota da India, e a origem da sua inverosimil architectura social. Dois mil e quinhentos annos atraz o manso Budha tentou, por meio da pregação da lei do amor entre os homens, destruir a aristocratica e cruel confusão brahmanica, illuminando a triste face dos seus compatriotas com o sorriso que é o reflexo da felicidade interior. Não o conseguiu. Gandhi trata agora de seguir as pégadas de seu semi-divino predecessor.

O segundo objectivo da revolução gandhista é politico e consiste na conquista do *Swaragi*, do governo autonomo. E o terceiro objectivo é social, porque atravez da abolição das castas, busca a extirpação das calamidades que affligem a humanidade.

A OBRA DE MAHATMA GANDHY

(CONCLUSÃO)

Mahatma Gandhi é um mestre de religião da antiga escola, que logrou impressionar a imaginação popular. O povo diz delle: "E' um santo, é um enviado de Siva, é, talvez, a encarnação de Budha". Todo grande movimento na India tem sempre tido uma base religiosa.

E Gandhi não podia deixar de dar á sua propaganda um aspecto de mysticismo, e de se attribuir qualidades divinas.

Quando os ingleses encerraram-n'o numa prisão, milhões de hindús vactinaram que sahiria della, derrubando com um só gesto as paredes do cárcere.

A. C.



- Como se chama?
- Alexio Feodorovino Gomes.
- Profissão?
- Literato
- E sabe ler e escrever?

UMA SAIDA DE MME DE STAEL

Madame de Stael estava enjoadissima com o Visconde de Choiseul por causa de uns perversos gracejos que este havia feito a custa della.

Tendo-o encontrado em uma festa, viu-se obrigada a falar-lhe com cortezia e amabilidade.

— Ha quanto tempo que não o vejo, sr. Choiseul, disse-lhe.

— Estive doente, minha senhora.

— Muito doente? Grave, talvez?

— Gravissimo; quasi morri envenenado.

— Céos! Teria o sr. Visconde mordido a lingua?

O Japão em Pernambuco

A CASA MAIS POPULAR DE PERNAMBUCO

FESTEJOS DE SÃO JOÃO



Grande sortimento de artigos para ornamentação de EGREJAS e Salões de Festas:

Balões, grinaldas de papel, sombrinhas de papel, bandeirinhas, cordões de palha, resposteiros de palha, Esteira, porta-cartões, abat-jour papel crêpe, papel de seda etc., etc.

Chegaram novas remessas: Velinhas defumadoras contra muriçocas, Porta-pratos, chinélos, NOVIDADES EM BRINQUEDOS.

Rua Diario de Pernambuco, 123

HYGÉA

limpeza
automática
sem intervenção
manual



OS REGULAMENTOS DE SAUDE PUBLICA
EXIGEM ESCARRADEIRAS DESTE SYSTEMA

J. GOULART MACHADO & C^{IA} LTDA - Rio.

Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica **Beija-Flor**



PRESTIGIO DE CLEOPATRA

Já transcorreram 2000 annos e esta mulher fatal interessa ainda os estudiosos. Inspiradora de poetas e de artistas, chega até na bruma dos seculos, irradiada de uma fantastica belleza.

Plutarcho que viveu muito tempo depois de sua morte, deixou escripto que, sem ser essencialmente bella, exercia sobre os homens uma fascinação irresistivel. Muitos outros historiadores descrevem-na, entretanto, bellissima: pequena e delicada, com os olhos grandes, as sobrancelhas deliciosamente desenhada, o nariz aquilino, a bocca perfeita, os labios subtils, o contorno do rosto graciosamente arredondado.

Segundo alguns commentadores, nas veias de Cleopatra não corria nem uma gotta de sangue egypcio; era macedonia e não tinha o menor delineamento caracteristico daquella rigidez estatuaria da arte egypcia. A creatura luxuriosa que Dante abandona na "Bufera infernal che mai non resta" foi uma intellectual, uma polyglôta, no verdadeiro sentido da palavra.

Disse Plutarcho que fallava tantas linguas orientaes que era quasi desnecessario um interprete, quando iam-lhe render homenagens homens de longinquos palzes.

Nisso se diferenciava de inumeros soberanos do Egypto que apenas cuidavam de conhecer seu proprio idioma. Certo historiador diz que Cleopatra foi mãe de um menino chamado Cesarion, filho de César, e este menino fel-a sonhar que seria a imperatriz do mundo. Permaneceu em Roma, numa villa solitaria,

indifferente ao tumulto da cidade e á curiosidade popular, adormecida pelo seu grande sonho imperial, que por fim havia de ter o tragico desenlace que conhecemos.



- Que tem o teu marido ?
- Uma dispepsia, na opinião do medico.
- De onde provem isso ?
- Do grego.

(De "Gutiérrez", Madrid)

- Se brigas com o teu noivo porque elle tem muitos defeitos, terás de devolver-lhe os presentes.

- Por que? Os presentes não têm defeitos. . .

SOMENTE
4 DIAS

PARQUE

SOMENTE
3 DIAS

SEGUNDA-TERÇA-QUARTA e QUINTA FEIRAS

SEXTA-SABBADO E DOMINGO

A "FIRST NATIONAL" apresenta

Inicia o programma:

O PALHAÇO (Vesti la Giubba) cantado
por Martinelli



BILLIE DOVE

— E M —

O

H O M E M

E O

M O M E N T O

com **ROD LA ROCQUE**

UM FILM FALLADO, CANTADO E MUSICADO

O romance mais lindo, até hoje
apresentado pelo cinema Sonoro



Distribuição
PARAMOUNT

Inicia o programma:

ROGER WOLFE KAHN ORCHESTRA



BETTY COMPSON

— E M —

REGENERAÇÃO

Um espectáculo diferente!...

Uma emoção nova!...

Um "film" impressionante!...

Uma musica linda!...

E uma porção de beijos deliciosos!...

Tudo isto na grande produção de

Richard Barthelmess

ESTE FAMOSO ARTISTA NOS MOSTRA AS EX-
CELLENCIAS DE SUA VOZ E DA SUA
ARTE REQUINTADA.

Um film cantado, musicado
e com trechos fallados

p'ra
você...

N O C T U R N O

E' sempre assim que a gente penetra no mundo das lembranças. Uma volta no interruptor de electricidade. As sombras enchem o quarto pequeno enquanto eu sinto estrellas, muitas estrellas lá fóra, no céu distante, largo como... Como que? Detesto as imagens. Gosto apenas da sombra, da volta dada no interruptor e da lamparina fragil que me ajuda a desenhar as nostalgias imprecisas.

Este lençol é frio. Nunca deixou de ser frio. Já era assim nos meus dias de menino. Os meus dias de menino... Me lembro agora que arranquei como sempre, ainda não faz dez minutos, a folha do calendario. Quando eu escrevo rasgo muitos papéis. Sem prestar attenção. Não sinto a morte de cousa alguma num simples papel despedaçado. Mas uma

folha de calendario a gente rasga mais constrictamente. Sentindo a realização de uma pequenina tragedia. Enfim arranquei ha pouco mais uma folha de calendario... Este lençol é frio. As estrellas estão lá fóra. As lembranças estão commigo no quarto...

"Once upon a time..." Começam assim as historias Inglesas. Não ha saudade sem literatura embóra o "era uma vez" da Mãe Preta signifique a mesma cousa.

- Eu vou pisar na fogueira sem queimar os pés...!

A fogueira precisava ser feita todos os annos. Embóra eu não ficasse em casa para vê-la arder até o fim. Mas a fogueira "tinha" de ser feita. Na rua eu sentia a urgencia desta certeza:

- No quintal lá de casa "fez-se" uma fogueira bem bonita.

Senão eu tinha medo. Como tinha medo de olhar o meu rosto nas aguas sombrias.

Como tinha medo de enterrar a faca na bananeira. Nisso tudo havia uma relação com o "meu" destino. O meu destino era cheio de terrores. Eu não queria conhecer o meu destino...

Hoje eu posso passar as noites de 23 de junho num bar, entre amigos, cigarros, conversas. Talvez em casa "haja" uma fogueira. Talvez não. Não me preocupo com isso. Mas é pena que não me assalte mais este tanto repentino:

- Meu Deus! E se ninguem acendeu uma fogueira lá em casa!...

Acabavam de chegar da Europa. No cões, onde fui esperar a entrada do vapor. Estevão apresentou-me sua companheira, uma mulher muito elegante, ruiva, mais alta do que elle. Ao despedirmo-nos, ficou combinado que celariamos juntos nessa mesma noite. Comecei a visital-os com frequencia.

Estevão morava na rua Vicente Lopez, num appartamento amplo e confortavel. Ao entrar, a luz das lampadas, arrojava nesses sombras ao tecto e illuminava, nas paredes verde-pallido varias gravuras do Segundo Imperio, um esboço de Simón Levy e uma estampa ingleza sobre uma poesia de Addison, representando Jupiter e Callista. Havia duas poltronas Sheraton, de tapeçaria amarellada, numa das quaes eu gostava de sentar-me quando ia visital-os. Muito a meudo, Hilda me consultava sobre a collocção de um movel ou sobre a acquisição de algum objecto, porém logo dispunha as coisas á sua maneira, sem attender ás minhas indicações. De noite, ao voltar á casa, tratava de evocar "in mente" o rosto de minha amiga, fino e espirital, seu cabello de um ruivo acendrado, os matizes azulados de suas palpebras, certo gesto de fastio ou de indulgencia com que acompanhava suas palavras. Entretanto não era facil tarefa. Assim como ha physionomias summarias, elementares, que podemos reconstituir facilmente na memoria, ha cutras que escapam á nossa intenção. A vida e a intelligencia havia m trabalho pouco a pouco o rosto de Hilda, de uma maneira lenta, subversiva, alterando a pureza de seus traços concervando, comtudo, e sua belleza; porém tambem haviam-lhe communicado, junto com angustiosas antecipações de caducidade, um interesse profundo e inquietante, um encanto intellectual que se deixava presentir sob os attractivos enfermijos de sua carne.

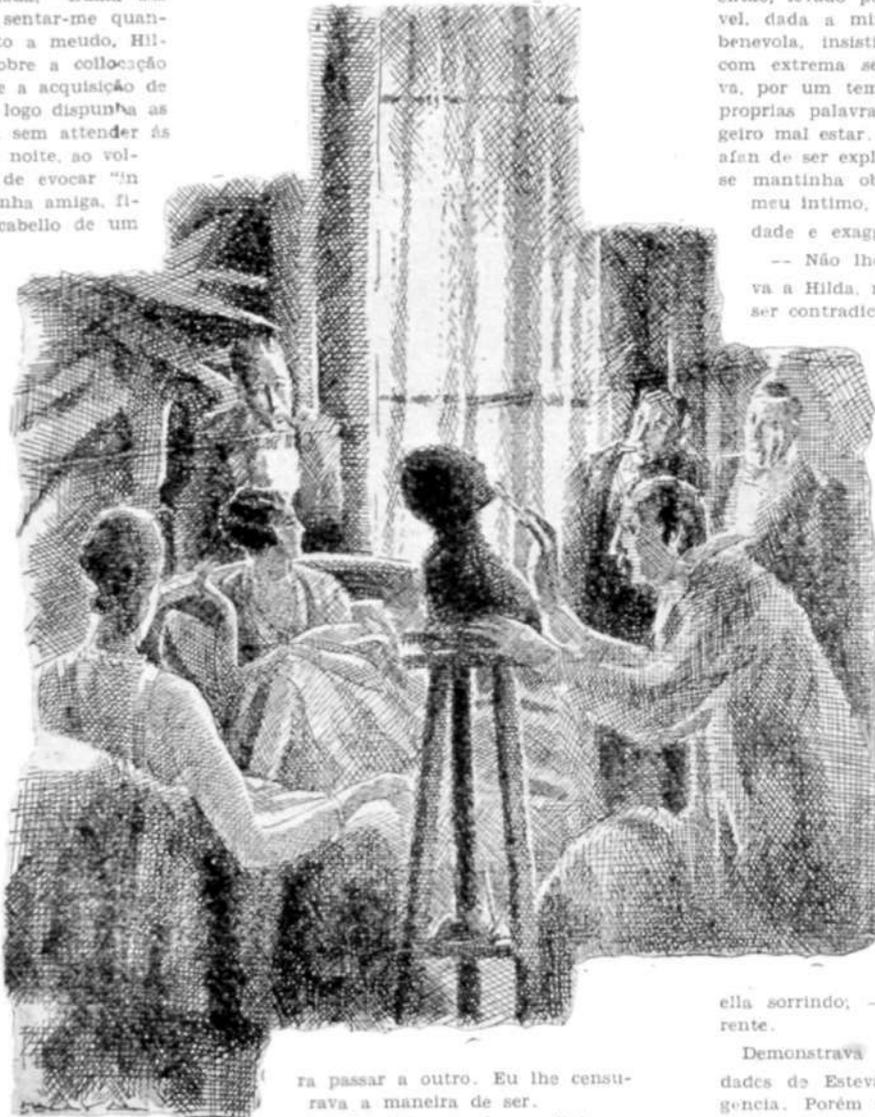
Foi, aquelle um outomno chuvoso e irritante. Estevão passava as tardes no club e, quando o pocker era mais forte, não voltava nem para jantar. Por isto, Hilda lia muito e de tudo: ensaios philosophicos, novellas, poesia. Não tinha methodo e era muito impaciente. A's vezes pulava capitulos inteiros, sem dar o trabalho de abrir as folhas. Outras vezes começava um livro com deleite, abandonando-o na metade, pa-

A Visitante

Por José Bianco (Filho)

This lweating labour
To bear such idleness so
near the heart.

"Antony and Cleopatra"—
Shakespeare.



ra passar a outro. Eu lhe censurava a maneira de ser.

— Você tem razão — dizia-me — E' uma especie de fatalidade, porém não posso levar nada até o fim.

Uma passagem sem importancia lograva preoccupal-a e uma phrase vulgar tomava, em seus labios, eloquencia insuspeita. Buscava-lhe um sentido occulto, repetia-a em voz alta, com lentidão, e, se eu pretendia desilludil-a, aborrecia-se commigo. Pouco a pouco rendia-me a todos os seus desejos... Hilda parecia-me encarnar o ephémero, o puramente transitorio. Junto della tinha a sensação

de alguma coisa irremediavel, de um momento para outro, nos havia de separar, e essa idéa de rapidez, de fugacidade, esse temor vago e incerto que não se consegue definir, aguçava minha paixão. Aferrava-me ao presente de um modo desesperador, defendendo cada um desses instantes que se afastavam, que se perdiam de vista e se fundiam no passado, e, sem o menor escrupulo, desempenhava o meu papel de amante occulto, de amigo desleal.

Nessas tardes de outomno, encontrava-a lendo, recostada num divan Imperio de mogno e bronze. Muito a meudo falavamos de Estevão. Eu não sentia para com elle nenhum remorso. A's vezes analysavamos seu character e então, levado por um ardor inexplicavel, dada a minha natureza calma e benevola, insistia sobre seus defeitos com extrema severidade. Depois ficava, por um tempo, silencioso. Minhas proprias palavras deixavam-me um ligeiro mal estar. Compreendia que, no afan de ser explicito, de precisar o que se mantinha obscuro e ambiguo no meu intimo, tinha ido além da verdade e exaggerado a nota.

— Não lhe parece? — perguntava a Hilda, na secreta esperança de ser contradicto. Queria trazer novamente as coisas ao seu justo meio termo. Porém ella observavame, entre curiosa e divertida:

— Sim, sim. Por que não? Tudo é possível.

Uma vez como me tratasse com certa dureza, censurou-me:

— Não quero dizer com isto que não ache muito doce sua oppressão, minha amiga. Porém você é injusta. Salta á vista a differença que você estabelece entre nós dois. Com Estevão é de uma complascencia que toca as raias do ridiculo.

— E com você?

— Justamente o contrario, autoritaria, caprichosa... Por que essa distincção?

— Ah! constestava ella sorrindo; — com você é differente.

Demonstrava para com as puerilidades de Estevão uma grande indulgencia. Porém quando se debatia algum assumpto de importancia, ou se punha em questão uma idéa, um gosto literario ou artistico, falava-lhe de maneira aggressiva. Estevão, por exemplo, era um wagneriano apaixonado e esta sua afeição tinha a virtude de fazer Hilda perder as ostribeiras.

— "E's insupportavel — dizia recalcando as palavras, — simplesmente insupportavel". Quando Estevão tocava na victrola algum trecho de "Tristan" ou de "Siegfried". Eu, timi-

diz-se...



* A encantadora professoranda não podia mais supportar a longa ausencia daquelle rapaz moreno, esguio, que enchia todos os seus sonhos e todos os seus pensamentos.

Torturada pelas saudades, chegou até mesmo a adoecer. Como consolo, pediu ao medico para aconselhar ao papae uma estação de cura em Garanhuns.

Succede, porém, que o papae não gosta do "matto" e assim resolveu fazer mlle. convalescer aqui mesmo no bulicio da cidade.

Mlle. protestou, chorou algumas lagrimas, mas no dia seguinte teve a mais agradável das surpresas. — O rapaz voltára, aquelle mesmo rapaz moreno, esguio, que enche todos os seus sonhos e todos os seus pensamentos.

O encontro de ambos, resultou numa aulazinha "gazeada". As longas caudades foram completamente mortas num banco de jardim, durante uma tarde inteira...

* * *

* Mlle. nunca se lembrou de encimar-se com o ex-flirt do seu actual pequeno.

Não valia mesmo a pena acabar velhas amizades por um motivo tão simples.

Durante as conversas que ambos trocavam, "elle", ás vezes, entrava sem que isso motivasse qualquer pensamento máo.

Mas de uma certa photographia, mlle. positivamente não gostou.

Então é brincadeira uma intimidade daquellas entre o seu "pequeno" e a moreninha de cabellos á ventania?

* * *

* Todos nós sabemos que o amor é capaz de tudo. Capaz mesmo de mover o sol e as outras estrellas, segundo a opinião insuspeitissima do grande poeta da "Divina Comedia".

Mas nós que conhecemos perfeitamente o supplicio de falar num telephone, pensavamos que sustentar, por um fio, uma palestra de duas ho-

ras escapasse até mesmo aos milárges operados pelo amor.

Erramos, porém. O joven academico de direito que o diga...

* * *

* Nunca mais tivemos a alegria de receber a collaboração de mlle. E olhem que o "Diz-se..." anda, ás vezes, bem vasqueirinho de "casos" interessantes.

Por que é que mlle. não nos manda, de vez em quando, um "potin" sensacional?

Mlle. sabe de tudo e o telephone é um esplendido meio de comunicação.

* * *

* A Companhia do maior tenor brasileiro do mundo, deixou o santa Isabel e o Recife para ir deliciar com os kilometricos agudos do seu "estrello", que deixou longe os apitos das locomotivas da "Great Western", a terra não só das Alagôas como tambem dos literatos Paulo Malta, Carlos Duarte e Zé Auto (alagôano honorario).

Os "penetras" da fila A ficaram tristissimos. Mas não foram os unicos.

Aquella loura creatura, figura obrigatoria em todos os espectaculos, que da sua friza costumeira não tirava os olhos da casaca do Vicente, da elegancia do Vicente, ha-de estar cultivando uma saudade martyrizante.

* * *

* Essa gente bisbilhoteira sabe de cousas...

Agora com o sensacional caso do dr. Hopper andam dizendo que entre os freguezes do tão falado thau-maturgo ha diversas senhoras da nossa "elite" e, o que é peor, algumas cujos maridos exercem a nobilitante profissão de Hypocrates.

Franicamente, se o que a gente bisbilhoteira diz é verdade, a confiança que ellas teem na sciencia dos seus maridos não é lá da mais confortadoras.



CAFÉ DA NOITE

CARLOS J. DUARTE fez o poema

NESTOR iluminou



No cafésinho pobre lá do suburbio
 as primeiras horas da madrugada de todos os sabbados
 os seus frequentadores vão a pouco se embrenhando na noite
 densa
 trazendo consigo a alegria que ha lá dentro.

O jazz toca o ultimo numero.
 Um "blue"...

Depois as luzes uma a uma vão se apagando
 e os musicos arrumam seus instrumentos
 com barulhos enormes
 como se isso exprimisse a grande satisfação
 que anda nelles pelo dever cumprido...

Sómente o guarda nocturno
 que se encapóta da fresa da noite com um calix de "pinga",
 o estudante romantico que lá na mesa do fundo
 afoga a sua ultima paixão loira nos copos loiros de "chopp",
 o empregado do cões de porto
 acostumado a ver as saudades que se alongam no bôjo dos
 transatlânticos,

o seranatasta que troca tostões
 por cantigas dolentes
 e a cançonetista decadente
 all permanecem fechados pra vida exterior
 como as portas varadas por balas arruaceiras
 do cafésinho pobre lá do suburbio...

Ninguém se lembra o que foi...
 Ninguém procura saber o que é...

Mas invariavelmente a cançonetista decadente
 ao ouvir os primeiros gemidos que o seranatasta
 arranca do violão
 levanta-se com os hombros cahidos
 e canta, canta, canta...

Fodia ser NA PAVENA
 ou um samba qualquer repleto de gostosura,
 mas é um tango argentino triste, triste,
 com que ella enche o ambiente de phrases desafinadas
 que nem conhece a tradução...

A VISITANTE

(Continuação da pagina 6)

damente, punha-me do seu lado. Deante de uma phrase de Hilda, os concellos que durante muito tempo havia ruminado na cabeça, que julgava fixos, immutaveis, cambaleavam e acabavam por cair. Comprehendia, mais do que nunca, a pequenez, a indecisão, a falta absoluta de fixação das minhas pobres idéas. A principio podiam chocar-me suas palavras, porém mais tarde por uma especie de transposição, amoldava-me ao seu espirito. Havia um aspecto grandioso, excessivamente sublime na musica de Wagner, com o qual sua intelligencia nitida, seu temperamento frio, inimigo da emphase e do sentimentalismo não podia transigrir. Eu, que com Estevão adoptava uma attitudão intolérante e hostil, com Hilda elevava-me á grande altura, munindo-me de perfeita equanimidade. As coisas gyravam lentamente deante de minha vista, como se fossem dodecaedros: uma a uma revelavam-me seus secretos reconditos, suas antinomias desconcertantes e eu descobria esse fundo turvo e impuro de verdade que parece se occultar até nas mais ousadas affirmações... O primeiro Leopolski disse-me uma noite, referindo-se a ella:

— E' uma mulher desequilibrada, um pouco perversa, e tem uma vontade que póde domar imperios.

— Julga você? Ninguem diria vendendo-a tão graciosa, tão meiga...

— Pois tome cuidado. Até as suas menores palavras encerram uma poderosa força de persuasão. Daniel Leopolski era um escultor polaco, que modelava seu busto. Porque, nos ultimos tempos, o apartamento de Estevão começou a ser muito concorrido. Além de Leopolski, iam visitá-lo um casal belga, um violinista rumalco, um botânico brasileiro — Aloysio de Sousa — duas bailarinas de Ta-Ba-Ris. Todos pertenciam a esse mundo cosmopolita e internacional que, durante a "season", encontra-se em Buenos Ayres, ouvindo musica nas salas de concerto, comendo nos "grill-rooms", frequentando exposições e casas de antiguidades; que aluga apartamentos mobiliados na rua Florida e, ao chegar a primavera, vão embora talvez para não mais voltar.

Nesses longos serões, enquanto Hilda "pousava" e Leopolski dava os ultimos retoques á etatua, conversavamos animadamente. Algumas vezes discutiam-se themas de caracter sentimental. Leopolski e o brasileiro falavam como dois conservadores: possuíam uma visão clara, um pouco intellectualista do amor. Segundo elles, dentro do sentimento, havia uma ordem e uma hierarchia que necessitamos ressaltar.

Hilda mostrava-se irreductivel, de uma independencia de idéas e de critério a toda prova.

— Não devemos exercer sobre nosso animo a menor violencia — contestava. — Qualquer desejo, por futil que pareça, é mais vital, mais digno de ser levado em conta do que essa longa serie

de principios abstractos, com os quacs nada ganhamos.

— Porém é impossivel — respondia o brasileiro. — Eu comprehendo que uma mulher moderna, muito evoluída, experimente continuos arrebatamentos, impulsos, "entrainements"... Entretanto...

— Diga.

— Quando existe uma affeição solida e verdadeira, ha de sacrificá-los em sua honra.

— Só existem attracções mais ou menos fortes, curiosidades mais ou menos intensas. Nenhuma merece ser rePELLIDA.

— E esses desejos isolados, dispersos, onde a levam?

— A parte nenhuma. O final é o mesmo. Todos os caminhos conduzem á desillusão.

Leopolski, com os dedos sujos de ar-

gilla, começou a citar uma theoria de arte. E a conversa mudou de rumo.

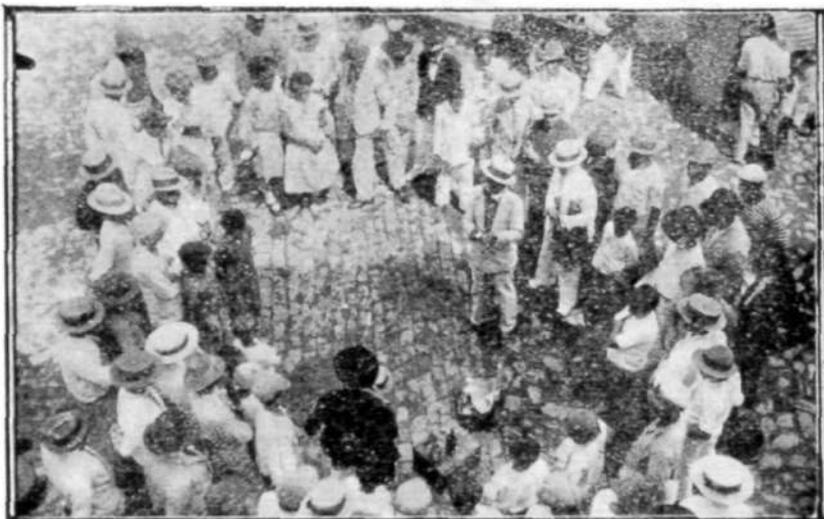
— O artista — dizia — não póde intentar uma interpretação demasiadamente ampla da natureza sem correr o risco de diluir-se, de perder-se. E' incapaz de attender a um tempo todas as exigencias, não póde exprimir tudo o que vê. Precisaríam ser um genio para reproduzir essa variedade incalculavel de matizes que se offerece á sua vista. Thomas Lawrence escolhia um traço do seu modelo, reproduzia-o até a perfeição e desculpava dos outros. Lotte, na actualidade, aconselha aos seus discipulos que se decidam pela atmosfera ou pelo volume...

— E com isto, que quer você dizer-me?

— Quero dizer-lhe, minha querida

(Termina na pagina 19)

CAMELOTS



Elles fazem o grande pittoresco das ruas. São indispensaveis As cidades precisam delles, dos seus gritos estridentes, das suas "reclames" espalhafatosas, dos seus discursos bem decorados. A gente apressada pára na rua, ao sol, escutando-os. Elles apregôam um novo dentifricio, um aparador de pontas de lapis "systema americano aperfeiçoado", um mamulengo acrobata — "alegria das creanças". Elles ensinam no tumulto das ruas os mitos heroicos da meninice e dão aos homens que passam despreoccupados e tristes uma lição de infancia", como escreveu Manuel Bandeira num dos seus mais deliciosos poemas.

Não ha quem não goste dos camelots. A's vezes até elles trazem consigo uma cobra como aquelle que fazia ponto na praça da Independencia. A cobra deste camelot era o chamariz dos basbaques.

A multidão divertida agglomerava-se em torno da sucury sem dentes, mansa, preguiçosa, rastejando o asphalto e inteiramente esquecida da sua primitiva ferocidade elastica.

LEMBRANÇAS DE SÃO JOÃO

Nós trazemos sempre na memoria os pedaços mais agradáveis da meninice. Os pedaços desagradáveis apesar de serem os que a memoria fixam mais fortemente são poucas vezes lembrados. Os tempos de collegio por exemplo nos trazem sempre resíduos amargos. Porque os meninos preferem sempre os recreios ás lições. Porque ha muita dureza nas lições e nos castigos e á imaginação delicada das creanças os castigos são sempre actos de indisciplina, e os actos de indisciplina são sempre feios. Nós na infancia não temos absolutamente o senso agudo da disciplina mas comprehendemos sempre que a falta della é sempre horrorosa. Os poucos que não pensam assim guardam dos factos mais feios do tempo de collegio os resíduos mais gostosos. Os castigos como fazer linha e ir de pé os horrorisam, pouco se incomodando porém com a prohibição do recreio e a nota grau zero no boletim semanal. Daí a noção de que os actos de disciplina só são interessantes quando uteis. Fôra disso são sempre deliciosos.

As festas de São João são sempre recebidas com exaltação. Na meninice então esses festejos são tão desejados como as calças compridas e as ferias escolares. Os meninos citadinos nunca poderão saber o quanto ha de voluptuoso num São João de engenho. E' mesmo de fazer timbrar a alma a lembrança desses momentos. No Cajueiro eu vivi os dias mais lindos de minha infancia.

Era o Cajueiro um engenho que possuía todo o caracter de engenho que um escriptor regionalista requisitaria para os seus romances. Não faltavam por exemplo as assombrações, a casa de farinha, os curandeiros, as intrigas amorosas, as scenas de sangue etc. etc. As festas de São João eram festejadas com a antecedencia de um mez. Por esse tempo a gente ria mais e pulava ainda mais de contente. Essa tambem era a época das grandes manhas. Para escapar ás lições de mathematica era raro o dia em que eu não apparecia com um pouquinho de febre ou com dor de dente pondo em alvoroço toda a gente de casa. E' desnecessario dizer que essas indisposições nunca iam além das horas marcadas para os estudos. A minha irmã mais moça porém nunca me perdoava essas manhasinhas, e a sua indignação voltava-se toda para os músculos de meus traços. Era um nunca mais acabar de beliscões. As lagartixas que eu encontrava no quintal é que me pagavam os beliscões, pois todas ellas eram degoladas pela minha navalha imperdoavel...

As roupas novas vinham pelo Santo Antonio e a gente tinha licença para ir á feira aos domingos. Com a roupa nova iam tambem duzentos réis que a gente reduzia a vintena para fazerem barulho no bolso. Acompanhavam-me sempre o pretinho Benedicto, filho da cozinheira, e o feltor da fazenda paradoxalmente um santo homem. O Benedicto é que não era lá boa coisa. Comia tijolo e tinha um genio de fera na opinião da propria mãe. Do Cajueiro pra feira travessava-se uma ponte onde em baixo passava um riachinho manso. Seu Antonio, o feltor, botava a gente no hombro e passava correndo, acto esse que eu invejava bastante. Eu nunca olhava pra baixo pois tinha uma vontade de cair... Na feira, seu Antonio comprava fogos de vista e estrelinhas. Eu porém só gostava do busca-pé. Os parentes vinham da cidade sempre

cheios do ultimo viente de paraitre. Os ultimos fox-trots eram trenados logo no plano e com elles os passos de dança mais em moda. Tudo numa familiaridade tocante. O Denis meu sobrinho era o bicho em materia de cinema e que fazia uma inveja medonha contando as proezas de Tom Mix. Em compensação elle tinha uma inveja damnada das minhas acrobacias em cavallos. No dia de São João lembro-me que com o Benedicto surripilhamo-o uma duzia de busca-pés que o pai lhe dera. Houve até entre nós uma forte lucta em que elle spanhou, mas que não disse nada a ninguem, num fidalgo gesto de cavalheirismo. A noite queimavam-se as fogueiras que ficavam no gramado existente defronte de casa. A cabra-cega era a brincadeira predilecta. A brincadeira porém era feita á vista de todos pois se havia meninas tambem no meio... Eu só deixava-me agarrar pela moreninha de olhos languidos e olhar de tystica, filha do nosso visinho, a quem eu devotava uma grande sympathia, cousa essa aliás que eu hoje acho um pouco extranha. Depois a gente deitava no capim ainda com uns restinhos de orvalho e escutava as historias de bruxarias que a preta Thereza nos contava. Lá dentro os convidados tiravam sortes e os tenores caturras cantavam no violão. Uma vez a menina languida queimou-se no dedo com um busca-pé. Eu então para suavisar-lhe os soffrimentos passei cuspe pelo seu dedinho magoados.

Lá dentro chamaram-me de menino bondoso. Mesmo assim não deixaram de cheirar minha bocca a ver se nella havia alguns resquícios traçoelros de fumo...



Paulo Malta Filho
Por Euclides

PAULO MALTA FILHO

POEMA DE SÃO JOÃO



Não temos inverno. Sorrisos assim
trazem o sol para as ruas . . .

Anda uma tristeza sombria nos meus olhos cansados,
nos meus gestos cílios de lembrança e de abandono...

O S. João rustico da minha infancia ingenua!
A poesia virgem da minha cidade matuta!

Tudo tão distante... Tão longe... Lá dentro da minha me-
[mória...
E essa saudade e essa lembrança que não passam...

Me lembro de tudo! Os meus balões de papel...
Verdes, azues, êles subiam para o azul, para o infinito...

Balões de papel... Balões do meu S. João ingenuo...
Minha linda felicidade! Minha felicidade inocente!

Parece até que a felicidade da gente se vae, tambem,
com o último balão da última noite do S. João de menino...

E você que não vem, meu amor! E você que não chega
prá fazer a festa azul dos meus olhos!

Me lembro de tudo! A fogueira crepitante
como um hino miraculoso de fogo e de vida...

Os seus olhos brincando com os meus olhos...
Você, você, pequena como um beijo furtado a medo...

"São João disse,
São Pedro assinou
Nós sempre se amasse
Por Deus Nosso Senhor..."

Você esqueceu tudo isso. Civilizou-se...
E essa tristeza, meu Deus, e essa lembrança que não passa!...

No misterio da noite vazia quêdo silencioso,
esperando o meu grande pequeno...

Mas eu hei de ficar a vida toda, de braços abertos,
esperando você que não chega nunca?

Eu não sentirei mais em minhas mãos
a carícia sutil dos seus dedos de pelucia?

Essa vae ser a minha noite de S. João dolorosa!
Que tristeza sombria! Porque você não vem, vem amor?

ALVARO LYNS

Faça um pouquinho de sacrificio
Para esquecer-me. Esqueça. Vê?
A minha vida é um precipicio...
— Que importa? Eu gôsto de você.

— Não goste. Eu não mereço. Agora
Mesmo á outra telephonei,
Derramando essa onda sonora
Que trago n'alma... — Então não sei...

Tudo é mentira. Que me importa
Que a sua voz me diga "não",
Si eu sinto (e como isto conforta!)
Que móro no seu coração.

A todo instante, a todo momento,
Seja por bem, seja por mal,
Percebo que ando em seu pensamento
Como uma idéa sempre igual.

Nas noites êrmas, no meu quarto,
Sinto-o: você chamou, eu vim...
Quanto mais de você me aparto,
Mais o sinto junto de mim.

DIALOGO TRISTE



Que me importa que o mundo diga
Mal de você e de mim também?
Quando ouço a sua voz amiga
Esqueço tudo e me sinto bem.

Diante do seu retrato mudo
Rezo de noite com fervor:
Tu, meu Deus, que transformas tudo
Vê si transformas meu amor!

Como paga da sorte avessa
Que anda os meus dias a envolver,
Você me pede que eu o esqueça...
Será possível esquecer?

Na minha bocca sem desejo,
Morta de febre, esfolhada já,
Ha o signal de sangue de um beijo
Que nunca mais se apagará.

Esse beijo na bocca exangue
Que se esfolhou de tanta emoção,
E' um pingo estuante do seu sangue
A alimentar meu coração.

• • • JOÃO DA AVENIDA • • •

A HISTORIA DO BEIJO

Está toda por se escrever a historia do beijo. A evolução do beijo desde o tempo de Adão e Eva até o de William Haines e Joan Crawford.

O beijo tem suas fases curiosas. Que dariam um ensaio com muita côr de pittoresco.

Eu penso que se devia tentar fazer esse estudo. Seria interessantissimo.

Sobre a arte de beijar o senhor Julio Dantas, dilettante do amor, escreveu umas paginas bem agradaveis. Porém sempre me pareceu que o sr. Dantas tem apenas technica, quando essa materia requer muita pratica tambem...

1 — DA ARTE AMAVEL

Vocês imaginem que acto deselegante não foi o primeiro beijo que Adão colheu em Eva. Eu calculo que tenha sido um beijo amoroso, sim, mas pouco gentil. Sem arte. Um beijo que deveria ser passado a limpo.

Não quero dizer com isso que para beijar exista uma technica especial. Porém ella é necessaria para se beijar bem. Com gôsto e bom gôsto.

Sei que para se aprender a beijar o principal requisito é ter-se labios. Depois disso, é ter-se uma garôta "de escola", que imite Clara Bow: uma pequena "heaven fallen".

No entanto, eu julgo que beijar simplesmente pelo intuito de beijar é um acto tão estúpido como comer.

Beijar bem não é assim. E' dar aos labios uma funcção esthetica e ao mesmo tempo uma distração elegante...

2 — BEIJAR E' BOM

Os hygienistas falam pra se acabar. E' preciso extinguir o beijo. O beijo é nocivo á saude. No beijo vão-se milhões de microbios. Até o honesto beijo na mão é perigoso. Num centimetro quadrado de pelle da mão podem existir oitenta mil microbios. Etc.

E ninguem repara os hygienistas.

Entre o amor e os hygienistas ha a mesmissima indifferença que entre o amor e os grammaticos. As grandes amorosas não querem saber de syntaxe. Os casanovas são apenas uns "sujeitos" que não podem prescindir dos seus

"predicados". E a sós, sem "complementos"...

3 — HISTORIA GERAL DO BEIJO

Tudo isso seria materia de primeira qualidade para um estudo sobre o beijo. O beijo em todos os tempos. Desde a Imperfeição do beijo do Paraizo até o ultimo modelo de Hollywood.

E não ficariam mal umas gravuras demonstrativas.

A gente aprenderia facilmente o que foi o beijo desde o principio até este "fim de mundo"... Desde a época em que o beijo era considerado um crime até os nossos dias, em que elle significa apenas uma carinhosa homenagem á mulher do nosso amigo...

Saberíamos então a que ponto de perfeição chegamos nós.

Bastava que no fim o historiador citasse o beijo de Rod La Roque que leva uma porção de tempo em caricias lentas pelos cabellos, desce aos olhos, sellando-os, desce ás faces, e só depois é que tomba como um trophéo nos labios, entreabertos em ansias, da mulher amada...

C A R L O S A L B E R T O



DE ALAGÓAS

O que ha de mais lindo em Maceló são as praias.

A natureza, á beira do mar, é perfeitamente civilizada. Nunca se falou entre nós num balneario, numa tentativa qualquer de estylisação dos banhos de mar.

Seria para fazermos estação balnearia quasi como um habito primitivo. Mas graças a Deus que ás pequenas reservas de elegancia de que dispomos se concentram espiendidamente nas manhãs de verão que Elle nos dá.

Fajussara, Avenida da Paz, Sobrad...
A Avenida da Paz é tambem da Al-
gita, do Encantamento.

A torcida contra o inverno não é deste mundo. Faz-se lá o melhor mun-
danismo da cidade.

Os verdadeiros fans das praias não têm épocas. O anno todo é a sua época.

Emquanto o sol não emigra de vez, os grupos multicôres de mallots descem



para o contacto azul do querido corone-
l da saude.

Agora, é o inverno, o deus camarada dos sertões, o estorvo cidadão das nossas alegrias vagabundas.

Mas o nosso sol é decente. E não deixa de vir, aos domingos, enganando as nuvens, visitar a praia que lhe quer tanto bem. E as nossas requintadas young flappers, lindas como as filhas do sol, vêm adoral-o no altar maravilhosos.

Cabellos loiros que competem com elle. Morenas que parecem ter amadurecido sob a sua luz. Ellas todas vêm tingir a porcelana da pelle.

Nós... nós vamos por causa dellas.
Estas notas photographicas, tomadas sol a pino no Avenida da Paz, são o attestado mais digno que achei pra gente de Maceló dar do seu espirito de mundanidade.

RAMIL



O roubo do calix sagrado

(Conto para crianças)

POR ADOLFO PADOVAN

A povoação de Poviglia vestia-se de festa para celebrar o centenario de sua igreja, afamada em toda a região, porque encerrava em seu santuario uma Virgem milagrosa. Os povigilianos não cabiam em si de alegria, e á espera do solenne dia daquelle anno, tinham brancado de novo os muros desbotados, replantado os jardins, empedrado as ruas e, em uma palavra, renovado toda a povoação.

A cerimonia mais importante do dia, depois da missa solenne pelo bispo, seria a procissão, da qual participariam o clero e as congregações, e na qual inaugurar-se-ia um doce riquissimo com bordados de prata e um pallio bordado de seda pelas moças do logar.

Don Santiago, o cura da parochia, naquella occasião, tinha enviado á imprensa um opusculo por elle escripto, fazendo a historia do santuario; e como era um desses sacerdotes que andam ao par do progresso, para deixar aos seus successores uma lembrança da solenne proclamação, havia contractado, ás suas custas, um operador cinematographico para que fizesse perduravel na tira de celluloido o pomposo desfile.

O operador Scalengue que era um turinense alto e ruivo, de maxillares fortes e grande amigo de feições, chegou á casa de don Santiago uma semana antes da festa para dispor seus apetrechos, escolher os logares de onde tomaria as vistas e para transformar um quarto da casa parochial em camera escura, onde faria as necessarias manipulações photographicas.

Scalengue era um rapaz sympathico e pelas suas conversas alegres, suas jocosidades, suas argucias e saço espirituosas, conquistou immediatamente as

sympathias de don Santiago, ajudando-o tambem a esvaziar as velhas garrafas empoeciradas, afim de que não faltassem recipientes

para a proxima vindima.

Aquelle sifenim leuro, que surgia, ora aqui ora ali, com sua caixa quadrada montada num cavalete, era, para os camponeses, uma especie de mago e o saudavam com respeito, porém ao mesmo tempo temiam-no, com medo de algum sortilegio.

Scalengue, entretanto, feliz com aquella semana que destructava na hospitaleira casa do parochio, tinha-se feito amigo do alcaide e dos vizinhos mais proximos da povoação; porém não tinha logrado se familiarizar com o brigadeiro de carabinieri, porque, sem perceber-o, uma noite, na hospedaria da Alba de Ouro, havia-o confundido numa discussão acerca de

Na tarde do sabbado, Scalengue se foi ao quarto que dava para a horta da parochia. Queria experimentar seu aparelho, pôr em prova a pellicula que tirha levado consigo e fazer enfim um serio ensaio geral para se certificar de que a



Rafael de Lamo

politica e de arte. Em uma palavra: tão satisfeito estava Scalengue com a hospitalidade que lhe dispensavam, que tinha rogado ao bom Deus para mandar um domingo chuvoso afim de que sua partida fosse adiada por oito dias.

machina funcionava com inteira precisão. Collocou o rolo virgem na custodia, fez passar a cinta pelos rodeteos e poz em fóco a lente. A janella do quarto era tão pequena que apenas se enquadra em torno da caixa do aparelho, de modo que Scalengue ficava invisivel

para qualquer pessoa que estivesse cihando de baixo. No vão só apparecia o olho da objectiva prompto para recolher a imagem.

Uma vez prompta a machina Scalengue metteu-se em baixo do panno negro e explorou, através da objectiva, a passagem de uma creatura qualquer fesse homem ou animal, para fazer girar a manivella.

Esteve esperando um tempo, mudou em varias direcções a objectiva, até que, de repente, divisou um homem que sala pela janella que ficava atraz da egreja.

Era o que estava faltando para o seu panorama de prova! Scalengue começou a girar a manivella, acompanhando a travéz do olho de crystal de seu aparelho os movimentos do individuo que tinha descoberto. E, com espanto, viu o seguinte:

O homem era alto e secco como uma canna e, além do mais, côxo. Passou do lado interior ao lado exterior da janella, pegou-se ao frontal, mediu a altura e saltou na horta. Já em terra, olhou em todas as direcções e saiu correndo.

O operador, aguçado pela curiosidade, seguiu-o com o seu vigilante olho de crystal durante a breve carreira; viu-o deter-se junto a um castanheiro, trepar-se nelle com a agilidade de um cuadrumano e desaparecer entre as folhas.

Scalengue começou a perceber que a aventura era singular, e esquecendo que a pellicula passada era mais do que sufficiente para uma experiencia, esperou um instante, e quando viu que os ramos se moviam e que o extranho

individuo reaparecia, voltou a rodar a manivella.

O côxo desceu da arvore, alçou a terra onde tinha pisado para fazer desaparecer o rastro de seus proprios passos e, em seguida, encaminhou-se até o muro que servia de taipa. Deveu-se um instante junto a elle e tocou no pé, o que induzia a pensar que sem duvida se tinha ferido, porém depois saltou o muro da horta e sumiu-se no no campo.

Quando Scalengue o perdeu de vista, deixou de mover a manivella e disse:

— Que demonio será este? Que significará esta manobra? E que coisa é que tem entre os dentes?

Esteve um minuto pensativo e logo exclamou:

— Ora! Que sou um grande tolo! Fosso sabel-o immediatamente.

Effectivamente, encerrou-se no quarto que servia de camara escura, e desenrolou a pellicula. Examinou com a lente as nitidas imagens do negativo e viu que o individuo apertava entre os dentes um cálix de missa, o vaso sagrado do altar, que era de prata massisa e adornado de pedras preciosas.

— Mas este homem é um ladrão! Deus do céu, que extranha aventura!

Naquella noite, durante o jantar, Scalengue nada disse ao cura, nem mesmo quando o sacristão irrompeu na sala de jantar, gritando:

— Don Santiago! Roubaram a egreja! A porta do sacrario foi forçada e o cálix desapareceu!

Don Santiago empallideceu e o garfo, que tinha erguido, caiu-lhe no prato.

Abandonou a mesa e correu á egreja,

Ja, seguido pelo operador e pelo sacristão.

Don Santiago, para não mallograr a festa, decidiu manter a coisa em segredo e pediu ao operador e ao sacristão que não falassem della a ninguém. Scalengue que tudo tinha visto e, por um extranho capricho da casualidade, tinha impressionado na pellicula a scena do roubo, mordido por um desejo excessivo de novidade e de imprevisão, guardou segredo, fingiu a maior surpresa e simulou desgosto por aquella sacrilega expoliação.

Realizou-se a festa com toda a solemnidade, grandiosa e magnifica, alegrada pelo mais formoso sol da Italia, pelo repique dos sinos, pelo desfile dos estandartes e das insignias, e pelo jubilo dos povigilianos que nunca tinham visto em suas terras tanta gente junta nem tanta magnificencia.

Pouco depois das vespersas, quando se fechou o santuario, don Santiago denunciou o roubo ao brigadeiro de carabinieri; e então o sacristão, que ja não estava preso pelo segredo, contou o feito ao organista que o referiu ao mordomo que, por sua vez narrou-o ao hotelero, e quando delle ficou inteirado a primeira mulher, em menos de meia hora soube-o toda a povoação; de maneira que ao anoitecer já se havia reunido em frente á casa do parochio uma verdadeira multidão, enquanto o brigadeiro realizava a investigação da qual resultou, depois de uma inspecção ocular, a detenção do sineiro, apesar dos seus protestos de innocencia.

Scalengue decidiu então revelar a

(Continua na pagina 23)

Sue Carol, o "Breakaway" e a reabertura do Moderno.



Foi na terça-feira. A cidade já se enchera de cartazes maravilhosos.

Todo o Recife andava sonhando com "Fox-Follies". Todo o Recife sabia que os rythmos de "Why Can't I be like you", "That's you, Baby", "Breakaway", "Walking with Susie" e "Big City Blues" haviam contagiado, durante 24 dias consecutivos, a platéa carioca.

Deante disso só se podia esperar uma cousa: que todo o Recife enchesse o Moderno. Foi o que succedeu. E não houve motivo para arrependimentos.

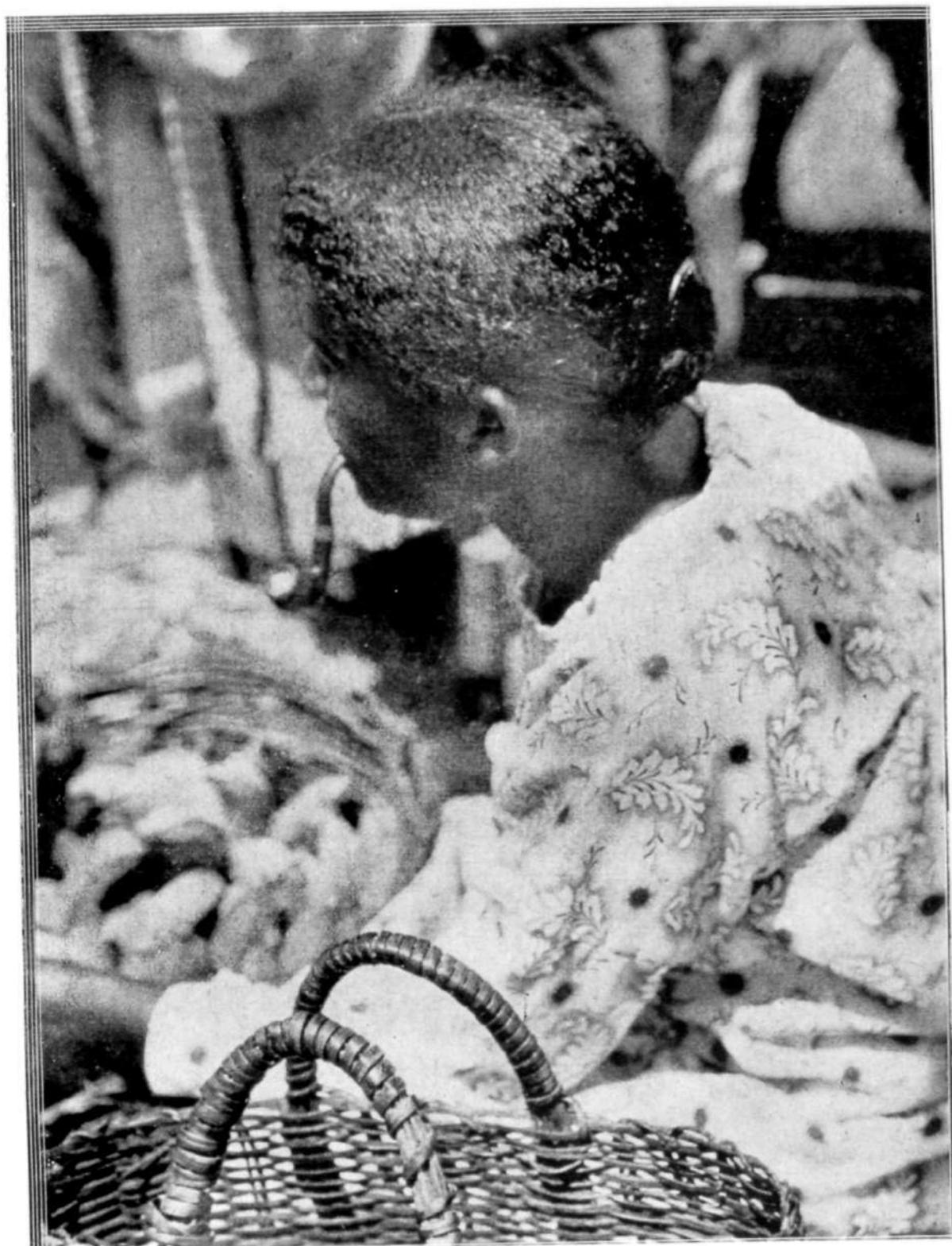
Recife ouviu Sue Carol. Sue Carol dansou e cantou o "Breakaway". Ora, como o "Breakaway" dansado e cantado por Sue Carol é uma dessas cousas que fazem a gente achar a vida gostosa, não houve quem não ficasse contente.

RUA NOVA... FOOTING... SORRISOS...



MATINÉES DO PARQUE





Cachimbando . . .

F. Rebello

A S O C I E D A D E

FEIRA

DE

SORRISOS

O Alfredinho é um dos meus amigos. Elle faz parte dessa incalculavel legião de "dancing boys" cujos cuidados mais serios pertencem ao laço da gravata, ao corte do jaquetão, aos passos de tango, ás marcas de automovel, aos "flirts" successivos.

O Alfredinho é um rapaz encantador. As pequenas sonham com elle, sabem que a sua "baratinha" possui freios "steelhydraulic" nas quatro rodas e seguem todas as suas opiniões

Antes de ir a qualquer "talkie" é preciso consultar o Alfredinho.

As meninas não gostaram do "Submarino" porque o Alfredinho tambem não tinha gostado. As meninas ficaram loucas pelo "Pagão" porque o Alfredinho tambem tinha ficado louco pela voz do Ramon Novarro. Não acho, porém, que se deva censu-

rar o Alfredinho pela sua norma de vida. O Alfredinho consegue todos os prestígios e o seu telephone não descança.

JEAN

ANNIVERSARIOS

HOJE:

Sr. Vasco Pereira.
Sr. Francisco Rego Barros.
Senhorinha Elisabeth Santos.
Senhora Rita Borges Vasconcellos.
Sr. Luiz Gonzaga de Farias.

DIA 22: --

Sra. Francisca Morcourt de Aguiar.
Senhorinha Ismenia de Sousa.
Senhorinha Neusa Gonçalves.
Sra. Joanna Pinheiro.
Sr. José Alfredo dos Santos.
Dr. Jonathas Costa.

DIA 23: --

Senhorinha Annita Vieira.
Sr. João Saldanha.
Sr. M. P. Lauritzen.
Sra. Maria Fernandina de Carvalho.
Sra. Adelalde Brax.
Menino José Marinho.

DIA 24: --

Senhorinha Odette Sousa.
Sr. Sylvio Amorim.
Sra. Fausta Ribeiro de Arruda.
Sr. João R. Loureiro.
Sra. Adezinha Neves.
Sr. Fernando A. Teixeira.

DIA 25: --

Sr. Guilherme de Araujo.
Sr. Adalgiso Ferreira.
Sr. Antidio Mendonça Vasconcellos.
Sr. Eurico Almeida Braga.
Sra. Julieta Boshardt.

DIA 26: --

Dr. Turiano Campello.
Dr. Adalberto Costa.
Sr. Henrique Garcia.
Sr. Antonio Antunes Guimarães.
Senhorinha Virginia Gomes Mendes.
Sra. Nina de Almeida.
Dr. Gastão Marinho.

DIA 27: --

Dr. Costa Pinto.
Dr. Flodoaldo Callope.
Senhorinha Irene Andrade Bezerra.
Sr. José Soeiro.
Sra. Luisa de Barros Soeiro.



Nayre de Amaral Baptista

7.º lugar no Concurso de Belleza infantil do "Diario da Tarde"



Octaviano de Oliveira Dias

4.º lugar no Concurso de Belleza infantil do "Diario da Tarde"

amiga, que tanto na vida como na arte — accrescentou finalmente em francez — "I faut prendre son parti."

— Porém eu já o tomei — contestou Hilda — Meu partido consiste em não me apegar a nenhum. Sabe você de alguma coisa melhor do que viver um pouco ao azar do destino, sem se sentir estorvada por princípios ou laços importunos, conhecer pessoas interessantes, coisas novas, cidades curiosas?

— E o amor?

— Ora! Não pronuncie esta palavra caduca, vazia, infantil, que não significa nada.

Numa das poltronas Sheraton, junto de uma garrafa com restos de whisky, Estevão mantinha-se afastado da conversa. De tempos em tempos, a cabeça reclinada sobre o espaldar, os olhos semi-cerrados, lançava uma bafada de fumo.

— Algum dia falará de maneira diferente — disse Leopolski — E então, quando pretender voltar atrás já será demasiado tarde. O tempo é nosso inimigo.

— Nosso unico amigo é o tédio.

A atmosphera ia-se tornando carregada. Atravez das cortinas de filô vislumbravam-se os crystaes embaçados pela nevoa da rua. O fumo dos cigarros subia para o tecto, em gyros fantasticos; os quadros se esfumavam, dominando o riso agudo das bailarinas, ouviu-se a voz do rualco:

— Os chinezes costumam dizer: aqui na terra, quando as coisas não marcham á medida dos nossos desejos, é bom estender-se uma barca, os cabellos ao vento, e fazer-se ao mar.

— Sim, sim. — dizia uma das bailarinas — E' preciso divertir a vida, procurar um "good time". E o recurso infallivel é viajar, não criar raizes em parte alguma.

O busto de Hilda estava prompto. Sentimo-nos todos um pouco "snobs" e o admiramos no meio de grandes exclamações. Só Hilda tinha ficado silenciosa. O escultor aproximou-se della:

— Está descontente? Não acha parecido? Não lhe agrada minha obra?

Com um movimento tardio e voluptuoso, erguendo os braços nus, ella

A VISITANTE

(Conclusão)

tirou um comprido collar de contas vermelhas, de madeira de sandalo. E, sem se dignar responder á pergunta collocou-o em tres fileiras deseguias a volta do collo da estatua.

+

Nos dias que se seguiram Hilda se mostrou mais amavel, mais carinhosa do que de costume. Adivinhava nossos desejos, procurando não nos contradizer nem a Estevão nem a mim. As vezes, eu dizia de proposito essas coisas razoaveis que, dantes, a irritavam e via assombrado, sua attitudo complacente, sua aquiescencia gentil. Falava muito pouco. De tempos em tempos, sorria. Era um sorriso lento, quasi forçado, que se desenhava sobre o seu rosto como uma curva de lapis sobre uma folha em branco. Então, para occultar minha ansiedade, eu variava a conversa, esforçava-me para dar-lhe uma feição amavel e subtil e introduzia novos themas como quem se esmera em prolongar as ultimas chammas de um fogo que está prestes a se extinguir. Nossa vida adquiria esse matiz rosado e ardente que tem o apozento quando já não resta outra luz além do escasso esplendor dos troncos na chaminé, semi-ocultos sob as cinzas. Uma a uma iam-se apagando todas as lampadas.

Quando Estevão ia para o Club, eu a acariciava ternamente e patheticamente. As novas maneiras de minha amiga, sua doçura, sua afeição, pareciam-me essas melhoras illusorias que têm os enfermos antes de morrer. Sem querer, lamentava a Hilda de outr'ora, fria, cozenhosa, indifferente.

As palavras que ouvi na tarde em que Leopolski terminou seu busto, reacavam novamente aos meus ouvidos: O mais importante é que cada um procure um "good time". E depois: "eston-se numa barca, os cabellos ao vento e fazer-se ao mar..." Uma noite, ao despedirmo-nos, apoiei minhas mãos em

seus hombros e olhando-a friamente nos olhos, murmurei:

— Por que mudaram tanto seus modos? Que significam tantas bondades, tanta submissão?

Ella guardou silencio um instante. Depois, lentamente, respondeu:

— Porque aproxima-se o fim.

+

Todas as tardes, quando vou visitar Estevão, contemplo o busto de Hilda modelado por Leopolski. Em volta do pescoço, as contas vermelhas emprestam á estatua uma vida momentanea e imprecisa. As poltronas Sheraton, o esboço de Simon Levy, as gravuras romanticas do Segundo Imperio, tudo está igual na apparencia. Entretanto, tudo mudou, minha amiga.

Stuart Merrill, esse poeta maneiroso e frio que você lia ás vezes, disse num dos seus versos:

Esqueci a cor dos teus olhos
E o som da tua voz
Depois de te haver supplicado tanto
Confiar tua lembrança
Ao cuidado dos Deuses...

Em cidades diferentes, sob céos extranhos, teria você encontrado o homem capaz de prendel-a? Ou continu'a sendo a viajante sonhadora e errante, a "globe-trotteuse" impenitente que se encontra nos palaces da Europa, em St. Maritz e em Davós, em Ostende, em Dieppe, em Deauville, em Biarritz, sobre cuja identidade forjam-se mil supposições? Á que em Cannes, rodeada de inglezes, faz apostas fabulosas jogando o baccarat, a que vai para o Cairo quando o inverno avança e, de volta, passeia seu tédio entre dois judeus de perfil sinuoso, os labios dispendentes, as palpebras pintadas de azul...

A visitante que chega quando ninguém a espera e irrompe em nosso coração como em sua propria casa. E um bello dia, da janella, vemos-a que se afasta tal qual como veio, serena e implacavel, agitando os dedos num gesto de adeus.



EM SANTA MARIA,
R. G. DO SUL



O capitão Paulo Rosas Pinto Pessoa em manobras o cercado por um lindo "Estado Maior".



"Teams" que disputaram o torneio realizado entre os 3os. quadros da L. P. D. T.
 Vencedores: em 1o.—AMERICA; em 2o.—TORRE.

Poemas da Infancia Brasileira

III

CANTO DA "SENHORA VIUVA"

Hontem choveu, choveu, choveu.
Frio lá fóra... A noite feia...
Longo, longo, o serão. As historias de sempre,
interminaveis, emperradas como nunca...
Tósse a Avó. Na cadeira de balanço,
o Avô cochila, o jornal na mão.
Proibido sahir! Mas as crianças
têm um "Abre-te, Sezamo!": a Mãe preta...
Ninguém chorou. E a ordem foi:
Brincar de anel e ouvir historias de Trancoso...

Hoje, porém, que linda noite!
Scherazade abandona o Oriente e vem reinar
nesta edição sem par das "Mil e uma noites",
que é o luar de minha terra.

Oh! Lua-Cheia... Scherazade brasileira!
Dindinha Lua, padeirinha e quituteira

com farinha de luar, com polvilho de prata,
faz sequilhos de luz e pãesinhos de leite
pra todos nós...

As crianças da minha rua
viéram todas brincar de roda...

Grupos distantes brincam de pegar,
enchem de gritos e tropelias
a velha praça...

De mãos dadas, meninos e meninas
(minha primeira namorada... e eu, tão feliz!)
as crianças da minha rua formaram a roda,
a viuvinha no meio (oh! a viuvinha!
tão engraçada, tão compenetrada!),
e vão gyrando, vão cantando lento, lento...
Que suave cadencia! que doce lembrar!

O' senhora viuva,
com quem você quer casar,
quer casar?
E' com o filho do conde,
ou com o senhor general,
general?

A viuvinha, muito humilde, então responde
com toda a candura, os olhinhos no chão:

Eu não quero esses homens
porque não são para mim,
para mim...
Sou uma pobre viuva,
triste coitada de mim,
ai! de mim!

Porém a dança não cessa agora,
e gyra que gyra, prosegue o folgar.
A viuvinha já cançou de dar o fóra...
Depois, não é tão ruim assim, casar...

Escolhe na roda o que mais lhe agrada
(mais tarde na vida talvez seja assim)
e em pares dansantes desmancha-se a roda:

Vem cá, meu bem,
quero te abraçar.
Amores ausentes
me querem matar...

Esta casou... Outra que venha ser viuva...

Recomeça a roda... E a vida lá vai...

Os Poetas da Bohemia

H I L L G I L L A N D

Trad. de "P'ra Você"

"PARIS. Casa de Saúde S. Luis. 4 de julho de 1848.

Caro amigo — Ninguém me vem visitar. Acho-me bastante necessitado. Não tenho fumo nem phosphoros. Faça uma collecta para comprar fumo e arranje 75 centimos para auxiliarme a pagar as minhas dividas de jo-go."

Henry Murger tinha 26 annos quando enviou occultamente esta carta, da Casa de Saúde. Já possuía no seu passado um bom lote de aventuras. Seu pae — um "concierge" de origem allemã — parece ter sido um "concierge" severo, um pae ainda mais severo e um crítico literario severissimo.

— "Com o teu talento eu antes procuraria um emprego domestico!" — disse elle ao filho de 16 annos, pondo o fóra de casa.

Murger foi directamente ao quartel general dos "Cuveurs d'eau", uma ordem composta de 13 membros de "miseria negra", que tinha sua sede no obscuro Hotel Merciol. Murger, embora nunca tivesse feito parte dessa ordem, só recusava bebidões alcoholicas quando por ellas era exigido pagamento. Mas no Hotel Merciol tambem se aceitavam "outsiders". Conseguiram para Murger o logar de secretario junto ao conselheiro da legação russa, Conde Tolstol. Elle recebia 40 francos para fazer relatorios sobre a literatura franceza e prestar outras informações que, possivelmente, tambem seriam uteis ao chefe de policia. Quando a ter sido elle, realmente, espião contra os revolucionarios de 48, por conta do governo, as opiniões divergem.

A "extrema direita", a França letrada de opinião reaccionaria, combatia Murger, Baudelaire e a Bohemia todas as vezes que lhes sorria um pouquinho de felicidade e successo.

— Como podem elles ousar!" — exclamavam indignados os Goncourts. E quando estes, no anno de 1857, cheios de inveja, aceitaram Murger no seu jornal, o escriptor já possuía um bom nome de "best seller", recebia 500 francos por cada romance era até redactor-chefe do "Castor", órgão dos chapelleiros de Paris.

Todavia, os Goncourts continuaram a gritar:

— "Com que direito recebe tanto este mendigo? E' a revolução, a victoria do socialismo literario!" ("Journal" de 30 de maio de 1856). No seu odio contra os "outsiders" perdiam a noção das conveniencias. Citavam o Socialismo e viam na esmola que um editor offerencia a Murger uma invasão detestavel da "esquerda" na literatura official.

Deixaram-se amedrontar facilmente. Deviam ter esperado que o terrivel competidor desaparecesse para sempre, quatro annos depois. Quasi

todas as figuras que haviam dado relevo á vida de Murger, como elle a tinha descripto na sua "Vie de la Bohème", tinham-lhe precedido. Somentemente Musette, com o seu verdadeiro nome de Marie Christine Rout, sobreviveu por mais dois annos. Por outro lado, ella havia adquirido uma fortuna de mais de 50.000 francos em peças de ouro puro e, por isso, não pertencia mais á Bohemia, da qual Murger tambem se tinha despedido. Quando Murger, no anno de 1858, foi nomeado Cavalheiro da Legião de Honra, ella, apesar de toda a sua habilidade, naufragou no verdadeiro sentido da palavra. Em 1863, Musette reuniu o seu ouro e embarcou, juntamente com a sua mãe, para a Algeria. O fim da viagem? Provavelmente uma daquellas empezas cuja exploração é quasi sempre o fim de uma carreira bem succedida de "cocotte".

O navio, porém, desapareceu com todos os seus passageiros, inclusive mãe, filha e fortuna.

Das quatro mimis bohemias, citadas por Murger, a primeira chamava-se Marie Fontblanc, "née" Dorval. O idyllo começou quando Murger tinha apenas 19 annos e mr. Fontblanc chefe de uma quadrilha de ladrões, se viu obrigado a fugir para Londres. O romance foi curto. Murger e Marie encontraram-se ainda algumas vezes, depois. Em vão, porém, procuraram resuscitar o grande amor fraccassado. Marie se consolava com todos os homens da Bohemia.

Mimi II, uma pequena tuberculosa, devia substituir Marie, e foi responsavel por uma grave enfermidade de Murger. Morreu num hospital e Murger usou luto dois dias antes da sua morte.

Mimi III chamava-se Juliette e morreu tambem de tuberculose pulmonar.

Mimi IV chamava-se Mme. Anais Latresse. Já era uma pequena "cocotte" quando Murger a "conquistou". Uma carta amorosa que Murger lhe dirigiu continha o seguinte texto:

"Querida — Espero-te. Compra-me: 1.º — 2 blocos a 14 sous. 2.º — 2 ou 3 pedaços de queijo branco. 3.º — O "Figaro" do dia da tua partida."

Assim escrevia Murger no anno da sua maior gloria, quando era Cavalheiro da Legião de Honra e alvo da indignação e da inveja da literatura official.

Tres annos depois a inveja transformou-se em malicia. Em 18 de janeiro de 1861, os Goncourts, entre outras cousas, escreviam o seguinte:

"Murger está á morte. Esta será o castigo do céo para a Bohemia, esta norma de vida que pecca contra a hygiene do corpo e faz com que um homem de 42 annos não possua força vital sufficiente nem mesmo para

sentir dores." E segue-se uma descripção da molestia exaggerada por uma fantasia inexcusable em sua brutalidade. Cada palavra era demagogia da peor especie: verdades empregadas como calumnias. Murger não era um rebelde, nunca teve desejo de se oppôr a isto ou áquillo. Pelo contrario; no seu intimo era um burguez. Por que, então, levou durante vinte annos uma vida de bohemio? Porque teve como pae um "concierge" malvado, porque perdeu a mãe e porque via-se obrigado a vender os seus manuscritos á razão de dois centavos por linha, manuscritos que (é isto mesmo, messieurs Goncourts!) certamente valeriam muito mais se alguns cavalheiros que somente praticavam a literatura como um passatempo não tivessem aviltado os preços com a sua concorrência de processos indignos.

Murger morreu dez dias depois do necrologio feito pelos irmãos Goncourt. Sua morte não foi um fim porque, de ha muito, a Bohemia estava dissolvida. Somentemente um dos seus membros viveu mais seis annos. Este era um gigante, o unico, entre todos, que poudo crear obras verdadeiramente geniaes.

Chamava-se Charles Baudelaire. Ninguém comprehendeu o seu destino e a sua grandeza. Elle, mesmo no Hotel Merciol, nos ateliers mais ruidosos e junto ás Musettes e Mimis, era sempre o grande solitario. Aos 21 annos adquiriu a grave molestia que mais tarde o victimou. No anno de 1857 publicou o seu volume de poesias, "Fleurs du Mal", e foi muitas vezes condemnado por uma serie de delictos. A unica mulher que lhe foi fiel foi a mulata Jeanne Duval, uma creatura de instinctos baixos e animaes.

Como Murger, Baudelaire tinha duas grandes preocupações: fumo e dñheiro. Apesar do seu immenso talento, pouco produziu. Em centenas de cartas mendigava fumo e opio. Ninguém queria relações com elle. Os circulos catholicos evitavam-n'o por causa da mulata e do opio. Para os phillisteus elle era o Mephistopheles, cuja influencia ameaçava a pureza de todos os jovens.

No anno de 1866, Baudelaire adoeceu gravemente em Bruxellas. Diagnostico: paralysisa parcial. A Municipalidade de Paris concedeu-lhe 500 francos. A sua morte occorreu um anno depois.

Recentemente foi vendido em leilão, por 42.241 francos, um exemplar da primeira edição de "Fleurs du Mal". Por outro lado um desenho de Baudelaire, representando a mulata Jeanne Duval rendeu apenas 1.100 francos!.

O roubo do calix sagrado

verdade, porém a seu modo, afim de dar uma lição ao presumptuoso brigadeiro, que se jactava do seu olfato de detective infallível.

— Perdõe-me, senhor brigadeiro; porém eu também fiz indagações por minha conta, e crelo que o senhor está enganado.

O brigadeiro olhou-o dos pés á cabeça e respondeu:

— Que diz o senhor?

— Digo — replicou Scalengue — que o ladrão é um homem alto, muito alto, e, além disso, delgado, muito delgado, porque depois de ter roubado o calix, deve ter fugido por aquella janellinha.

O cura, o brigadeiro e os curiosos que se haviam reunido em volta delles, seguiram Scalengue que se encaminhou para o sítio indicado.

— Ah! têm vocês o vão de que elle se utilizou para passar; vêem? Já não ha nem um pouquinho de pó! E se não fosse magríssimo não tinha podido deslizar até o lado de fóra. E a verdade é que o sineiro com tamanha barriga nunca o teria conseguido.

— Porém quem lhe disse que o ladrão passou por ahí?

Scalengue, certo do que dizia, acrescentou:

— Minhas indagações pessoais, senhor brigadeiro. Desçamos á horta. Olhe: o terreno está perfeitamente lizo, porque o ladrão, que nada tem de tolo, teve o cuidado de alizal-o; porém, ha aqui, precisamente debaixo da janella, duas pégadas perfeitamente claras. Se o ladrão fosse pequeno e gordo como o sineiro, tendo de dar um salto de tal altura, deixaria pégadas muito mais profundas. E mais ainda: Uma pégada é muito mais accetuada do que a outra, que marca apenas o sólo. E isso significa que tem uma perna mais comprida do que a outra; e por consequencia, é côxo.

O cura, o brigadeiro, o alcaide, o secretario, o pharmaceutico, o professor e o medico, que seguiam em comitiva o néo-policia, ante aquella logica esmagadora, que tão bem se adaptava á realidade das coisas, começaram a olhar com evidente admiração esse joven tão perspicaz, enquanto Scalengue, com muita gravidade exterior, escondia debaixo do bigode uma cascata de risos.

Aquillo divertia-o; o estupor de toda aquella gente lisonjeava o seu amor proprio, de modo que tomou a serio seu papel de detective amator, ampliando com a fantasia os detalhes que lhe eram conhecidos.

E continuou, medindo as syllabas:

— O ladrão, com o calix entre os dentes...

Neste ponto interveio o brigadeiro:

— Desculpe-me; porém, como conselor isto, sustento que para levar o calix entre os dentes?

— Ora esta! — replicou Scalengue — Se apegou-se á janella para saltar, era necessario que tivesse as mãos livres por isto, sustento que para levar o calix não tinha outro recurso senão usar da bocca.

— Não direi nem mais uma palavra!

— contestou o brigadeiro, que também começava a penetrar no campo do maravilhoso.

— Com o calix entre os dentes, o ladrão deixou-se cair na horta, porém, antes de dar o salto permaneceu pegado á janella para medir o perigo da queda e, enquanto isto, bambaleando as pernas, com a ponta de um dos sapatos riscou o branco da parede, como bem se pôde vêr. E como minha fita metrica cobre, desde a janella até o ras-cunho, um metro e setenta centímetros, affirmo que o ladrão é de uma egual altura.

Os ouvintes estavam estupefactos, e os que entre elles tinham lido os prodígios do senhor Lecoq e de Sherlock



O photographo de "P'ra Você" não podia perder esta oportunidade: o "tooting" de Connie Braz da Cunha.

Holmes começavam a crer no impossível.

— Prosigamos, porém com ordem — acrescentou Scalengue — Quando teve de pisar em terra o ladrão inspecionou os arredores.

— Bom, isto é uma flôr de sua fantasia — atreveu-se a dizer o brigadeiro.

— Nada disso, senhor brigadeiro. Faça o favor de olhar aqui... Não está vendo esta cavidade circular no terreno? Que diz a isto? Que o ladrão firmou-se na perna mais comprida e gyrou em torno della, enquanto a mais curta aflorava o sólo. E esta é outra prova de que elle era verdadeiramente côxo.

O brigadeiro não arguiu nada em contrario.

E Scalengue proseguiu:

— Depois de se ter certificado de que não havia ninguem, o ladrão com medo de ser descoberto se levasse o calix para casa, pensou escondel-o em algum logar seguro, afim de recuperal-o quando lhe conviesse, depois de transcorridos alguns dias, e encaminhou-se para o castanheiro. Estas são as pégadas que nos guiam até a arvore. Como vêem vocês, eu que sou de alta estatura, não comsigo, erguendo o braço, alcançar o ramo mais baixo, nem poderia tentar um salto, porque o terreno está frouxo e cede; entretanto o ladrão conseguiu porque é mais alto do que eu. Mas para poder trepar com tanta rapidez tirou os sapatos.

— Isso também... — balbuciou o brigadeiro.

— Mas é claro até para uma criança — contestou Scalengue se tivesse conservado os sapatos, o tronco da arvore estaria arranhado!

O brigadeiro mordeu os labios.

— Depois de ter escondido o calix na cavidade do tronco — continuou Scalengue — o ladrão desceu. Aliviou em torno a terra para não deixar strax de si pégadas reveladoras, e sempre descalço, com os sapatos na mão, caminhando por onde o terreno era mais solido, dirigiu-se para o taipal, na parte que faz curva para o bosque, e chegou até ahí, penosamente, porque havia ferido o pé. Aquí têm vocês um pedaço de vidro manchado de sangue, que foi o que me permittiu reconhecer o trajecto percorrido. Assim chegou ao taipal, pulcu-o e desapareceu.

Terminada a narração, um camponez trepou-se ao castanheiro, explorou entre os ramos, e o precioso calix, tal como havia dito o operador transformado em detective, foi encontrado numa cavidade do tronco.

— Olhe — disse Scalengue ao brigadeiro, apresentando-lhe o calix — na borda está perfeitamente visivel a mordedura dos molares que o mantiveram apertado entre as mandibulas.

— Vejo, vejo — contestou o brigadeiro — e venhenho que sou um imbecil.

Termina na pagina seguinte

O roubo do calix sagrado

Os dados pessoais do ladrão eram tão característicos, que o brigadeiro prendeu-o durante a noite e obteve d'elle a confissão do roubo.

O camponez recuperou a liberdade, e don Santiago deu um grande jantar em honra de seu hospede.

A fama de Scalengue propagou-se. O brigadeiro contou ao pretor a historia do cálix roubado, o pretor narrou-a ao presidente do tribunal e este ao prefeito. De modo que um bello dia, Scalengue recebeu um convite do ministro para occupar um posto no escriptorio da chefatura de policia, com um tom ordenado mensal. Este declinou da honra, mas o chefe de policia insistiu, augmentando o soldo e prometendo gratificações por cada investigação victoriosa; porém, Scalengue, que era uma cavalheiro e não desejava esbulhar dinheiro ao Estado, acabou por dizer um dia ao funcionario da policia:

— Quer o senhor saber como me foi possível encher de assombro os bons povigilance? Tenha a bondade de vir á minha casa, na hora que lhe fór mais commoda; esperal-o-ei na sala de projecções.

E o chefe de policia, viu all, projectada na telta, toda a scena do roubo.

— Como? — disse elle a Scalengue — Fez o senhor uso desse assumpto para um filme?

— Não, senhor chefe — tomelo-o da realidade, precisamente quando o ladrão realizava a façanha e o senhor



Vista do aerodromo de Sevilha tomada de bordo do "Graf Zeppelin"

compreenderá agora, como me foi sumamente facil desempenhar o papel de policia amator.

O chefe ficou muito satisfeito por conhecer a extranha aventura e prometteu guardar segredo.

De modo que, ainda hoje, quando em Poviglia se fala de Scalengue, dizem:

— E' um mago!

E a qualquer pessoa que não o acredite, contam a historia do roubo do cálix.

Ainda a Viagem do "Graf Zeppelin"



Passando sobre Sevilha

BILHETE

...Hontem, eu não achei nem uma dellas.

Procurei por toda a parte, nada... E que lindas flôres são!... Como uns lyrios brancos, de uma côr de prata, finas, delicadas, como si fossem recortadas do chrystal, como pequenas flôres de vidro.

A's vezes nascem em grupos, formando um ramo maravilhoso; ás vezes flóram destacadas, uma a uma, como perolas preciosas...

...Você minha muito amiga, vive encantada com os seus canteiros, adquirindo sempre novas rosas e hortencias e cessias — e é um thesouro de petala, de côr, de perfume o seu jardim. — Mas não ambicione tambem essas flores prateadas como feitas de luz: ellas, as estrellas, só nascem pelo ceu...

Therezinha Caldas

17-6-930



Ruas



c i n e m a

REGENERAÇÃO

Richard Barthelmess e Betty Compson numa scena de REGENERAÇÃO que o PARQUE vai exhibir a começar de sexta-feira.

Não ha ninguem que não deseje ir sexta-feira ao PARQUE ver "Regeneração" e ouvir Richard Barthelmess, artista e film tão falados e famosos. De um tudo que se tem dito basta para se avaliar o que é a trama altamente dramatica do seu romance, a belleza e o colorido do seu entrecho e sobretudo a vivacidade do seu desenrolar.

De outro tudo o que se sabe, dispensa outros elcgios, pois o nome de Richard Barthelmess vai viver cantante nos ouvidos e dormirá tranquillo, no coração de todos os "fans", tão admirada a sua personalidade inconfundivel.

Fundidos num só motivo de belleza — o homem e o film — marcam, sem duvida o maior successo da época, razão pela qual se justifica a ansiedade

com que a "première" de "Regeneração" está sendo esperada. Nesta produção da First National Pictures, o querido Dick vive um papel diferente de todos os que, até agora têm vivido, nelle se conduzindo com tal firmeza e segurança que arrebatou os mais frios temperamentos.

Betty Compson brilha ao lado de Dick, incarnando o papel de uma mulher que ama e que soffre por esse amor, amor, afinal que derrama em todo o film todo o seu delizioso perfume. Bella, assim, a grande produção encanta e empolga porque não é só ni que por ahí ficou escripto que se resume o seu esplendor, mas também, no calor dos seus dialogos, na vivacidade de todas as suas passagens e nas tintas vivas do seu romance.

O Homem e o Momento

(The Man and the Moment)

UM FILM DA FIRST NATIONAL PICTURES FALADO, CANTADO E MUSICADO, COM BILLIE DOVE E ROD LA ROCQUE

DISTRIBUIDO PELA "PARAMOUNT"

O casamento que sempre foi o mais paradoxal e delizioso de todos os carceres, para o millionario Miguel Towne e para a linda Joanna Winslow serviu de pretexto para a mais gloriosa liberdade. Liberdade gloriosa, sim, pois com as sagradas algemas conjugaes ella se libertou das iras do tutor e elle das ameaças e dos galanteios de Violeta Hatfield, uma mulhersinha ambiciosa que sonhava com os seus milhões... Mas Miguel, falhando de principio a uma das condições do compromisso assumido, falhando como qualquer homem que tivesse nos braços uma mulher bonita falharia, provocou todos os odios de Joanna que desse dia em deante não mais o poudo ver. E desde o dia do casamento começou para Miguel uma odyssea torturante pois todos os seus rogos e supplicas resultavam inuteis. Em vão mostrou a Joanna toda a pureza do seu affecto e debalde explicou-lhe que tudo que aconteceu na tarde do casamento foi menos por culpa delle, do que por culpa do momento, para elle inesquecivel. Essa attitude de Joanna, porém, agravada immensamente á Violeta, cuja preocupação absorvente era tê-los um bem longe do outro, na certeza que viria, um dia, quando se divorciasse, a realizar o seu sonho na ignorancia que estava de que elles já se tinham casado. E tanto Violeta desejava ver Miguel indifferente a Joanna que levando-a, certa noite, a um baile numa casa mal frequentada, entregou-a a um grupo de rapazes que se encarregaram de a embriagar. Avisado de que Joanna se encontrava em tal casa, pela própria Violeta, que tudo preparara manhosamente, Miguel para lá partiu, soffrendo duras humilhações e acabando de a arrancar de lá em meio a um formidavel escandalo que provocou. Levando-a para sua casa, ahí Miguel pediu a Joanna se compenetrasse da sua situação de esposa, que se conciliasse com elle definitivamente para começarem vida nova e feliz. Joanna tudo ouviu commovida e a sua emoção cresceu até ás lagrimas quando viu as suas roupas do casamento guardadas, com carinho, pelo marido. E naquelle mesmo instante se dispunha a attender as supplicas do esposo se, se aproveitando de um momento em que este se afastou, Violeta não apparecesse e não envenenasse, mais uma vez, com todo o fei de sua alma, a delicada situação. Desdenhosamente Violeta disse a Joanna que Miguel não a amava e tanto era verdade o que dizia, que já ha muito, ella, Violeta, gosava de sua intimidadé. E provando o que dizia retirou de uma gaveta, um mundo de roupas intimas... Ante o que via, no maior desespero, a alma vencida pela desillusão maior, Joanna disse a Violeta que não tinha forças para supportar tal situa-

(Continua na pagina 30)



O Parque exhibirá brevemente o lindo film sonoro da "First" — "Regeneração". Esta é uma das scenas da notavel pellicula.

c i n e m a

Minha infancia, minha primeira aventura, minha vocação.

por HAROLD LLOYD

CAPITULO PRIMEIRO

Minha juventude foi bastante agitada, e cheia de incidentes que, p'ra mim, foram aventuras — porém nada teve de romantica. Passei a maior parte do tempo a procurar dificuldades e as encontrei, eis tudo:

Eu era um menino communissimo, com o rosto cheio de sardas, sem nenhum signal caracteristico.

A minha familia mudava-se tão frequentes vezes que os logares da minha infancia, não se me fixaram na memoria, e é p'ra mim um jogo de paciencia reunir os acontecimentos que se deram e os logares onde se produziram. Quando a familia discute esta questão, nenhum membro está de accordo. Emfim, a maior parte das cidades do Nebraska e do Colorado se assemelham muito, e as scenas da minha vida se passaram nesses dois estados até os dezoito annos.

Fiz minha entrada neste mundo na pequena cidade de Burchard, Nebraska, no dia 20 de Abril de 1893.

Meus paes se assemelhavam muito, parece-me, as outras pessoas da terra. Creio que mudamos de residencia mais frequentemente do que qualquer outra familia do Nebraska. Moravamos em cidades pequenas, em casas pequenas, e nossa existencia era igual a das outras familias de nossa condição. Se nunca fomos muito prosperos, nunca fomos tambem muito pobres.

Meu pae tinha a mania de viajar, e toda vez que mudava de cidade mudava de occupação. Dirigi um armazem de calçados, um atelier de photographo, uma loja de miudezas, uma agencia de machinas de escrever e uma academia de bilhar. Gostava de habitar cidades extranhas para ahi exercer novas profissões, mas creio que seu verdadeiro desejo era vêr o paiz. Fallava-se delle em geral como de um dos nossos felizes commerciantes!...

Minha mãe chamava-se Elizabeth Frazer. Era de Toulon, pequena cidade situada a seiscentas milhas ao Sul de Chicago. Não me lembro do que pensava de minha mãe quando era garoto. Eu era tão occupado! Mas, ella era uma dessas coisas sempre presentes, indispensavel como o ar que eu respirava. Ninguém teve melhor pae, nem melhor mãe do que eu que, em compensação, tornava-lhes a vida insupportavel. Não que fosse viciado; era, porém, terrivelmente trabalhoso.

Tinha um irmão, Gaylord, cinco annos mais velho do que eu, por mim considerado como um idolo. Elle me achava um verdadeiro estorvo. Era, por vezes, obrigado a levar-me consigo no seu pequeno carro o que o impedia de agir com liberdade. Além

(Termina na pagina 32)



Harold, amoroso, tímido.



Billie Dove

"Estrella do film" O HOMEM
E O MOMENTO, falado e
cantado da "First National
Vitaphone". Distribuição da
Paramount.

EM PARIS

a mulher usa...

...muito azul marinho e branco: vestido de lã guarnecido de pesponto, chapéu de palha de aba média, forrado de fustão e ornado de uma barra do mesmo tecido.

...em vez do pequeno chapéu de sport de aba levantada na frente, um cloche de fazenda ou de palha, simplesmente ornado de um laço em fita gros grain.

...com o seu costume de sport e de viagem uma blusa chemisier de lã tricotada á mão e uma gravata "assostie" com largas listas de tom vivo.

...tres filas "degradés" de perolas finas, reunidas atraz por uma torsada de platina.

...de tarde, um ensemble de crêpe marocain preto, composto de um vestido de saia ampla e de um casaco curto guarnecido de branco ou de rosa claro.

...para o chá, um pequeno chapéu de palha brilhante, preta, lembrando, por sua forma angular, o tricornio.

...os cabellos formando um enrolado chato na nuca, mas suficientemente alto para que nem um fio appareça sob o chapéu.

...de noite, vestidos de uma linha muito pura interrompida, nos quadris, por um "basque" prolongado.

...sobre as espaldas nuas, uma echarpe de forma irregular, lembrando uma capa curta e feita no mesmo tecido do vestido.

...de tarde, uma bolsa feita de pelle de phoca da mesma forma de bolsa, porém menor e feita em "broché" antigo.

...grandes vestidos de noite, em cores claras; rosa, branco, verde e, sobretudo, azul turqueza.

...de manhã, luvas de Suède e meias maron claro.



O HOMEM E O MOMENTO

(Continuação da pagina 26)

ção e que iria buscar na morte mais tragica um allivio para todos os seus soffrimentos. E com essa idéa fixa Joanna partiu, rumo ao seu "hangar", sem se aperceber de Miguel que lhe cortou no encaixe e que se escondeu na "nacelle" posterior do avião, sem ser descoberto. E Joanna, imprimindo grande velocidade ao possante aparelho ganhou as alturas, afastando-se para o mar, no proposito de se lançar lá do alto e matar-se em tão dramaticas circunstancias. Miguel, entretanto, em dado instante tocou nos hombros de Joanna para avisal-a de que estava ali... A surpresa e o susto que a assaltaram naquelle instante fizeram-na perder o contróle do aparelho e este, numa quédá espectacular tombou no oceano. Tão felizes elles, entretanto, que o aparelho tombou de frente ficando com a "nacelle" fóra d'agua... Uma tarde e uma noite inteiras assim ficaram os dois, ora perdendo esperanças de se salvarem, ora se reanimando até que o "yatch" do proprio Miguel apontou ao longe... Recalhados a bordo da embarcação ahí encontraram Violeta e o seu inseparavel irmão, uma grotesca figura... Violeta, com o ar mais cynico do mundo, disse a Miguel que andava ansiosa por encontral-o para avisal-o que ultimara o seu divorcio e que podia casar com elle. E, numa suprema ironia, convidou Joanna para sua madrinha de casamento... Joanna e Miguel se entrecharam... E Joanna com a maior ternura nos olhos, pediu desculpas de não aceitar tão subida honra porque... já tinha casado, muito tempo antes com... Miguel!... E nos braços deste, que a envolveu numa onda de benços, Joanna desapareceu ao fundo do salão para começar a vida conjugal, que não conhecia ainda embora ha tanto tempo já fosse casada...

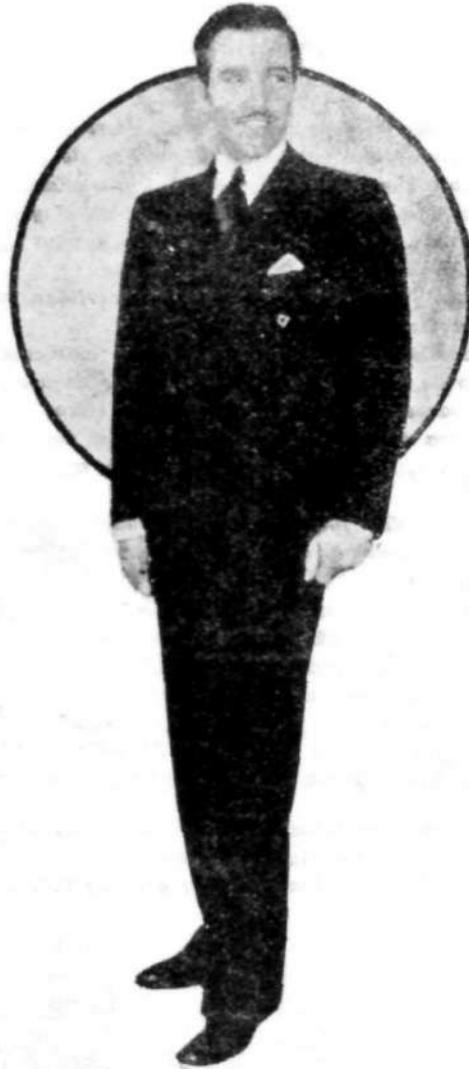
John Boles

Após a sua interpretação em CANÇÃO DO DESERTO, e agora em RIO RITA, John Boles conquistou uma posição analogá a de Rodolpho Valentino.

Ingressando em Hollywood, attraído pelo magnetismo da tela, trazia em sua bagagem uma grande dose de experiencia theatral, antigo artista que fóra de varias companhias de operetas. Gloria Swanson que uma noite ouviu-o captar na opereta KITT'S KISSES, conseguiu convencel-o de que conseguia fazer esplendida figura no cinema. Desvanecido com o convite que lhe fazia uma das mais celebres estrelas do cinema, resolveu tentar a nova arte, surgindo ao lado da sua admiradora em AMORES DE SONYA. Apesar das sensações novas que sentia, não podia esquecer o theatro, nem tão pouco se habituava ao silencio da tela. Não o deixava o desejo secreto de voltar ao palco, de cantar. Felizmente, vieram as pelliculas sonoras.

Desde creança adorava a musica. Sua patria tem muito de romance, pelo seu passado. Cantava todas as

canções populares, fazia parte dos côros de igreja e dos divertimentos innocentes e emocionantes da sua escola. Cresceu. Sua familia, porém, não se conformava com a idéa de que cantar fosse uma "cousa pratica". E foi obrigado a seguir uma carreira catalogada, tradicional. Tendo que escolher, preferiu a medicina. Felizmente, a conflagração europea veio em seu auxilio. Teve que alistar-se. Sentiu, então, que havia naquella oportunidade, uma vaga crystallização dos seus sonhos de arte. Não estava desiludido de tornar-se um artista, de estudar seriamente, de triumphar na musica. Terminada a guerra, voltou ao seu lar, sem ter conseguido dar realiação aos seus desejos. Foi obrigado a trabalhar



numa casa commercial do Texas. Imaginou-se o seu soffrimento. Reagiu corajosamente. Não poude supportar aquella prisão. Decidiu seguir para Nova York. Teve então como professor Oscar Siegel. Aquelle ambiente, todavia, não era o que lhe convinha. Paris fascinava-o. Partiu. Jean de Reszke, tinha uma academia de canto em Nice. Estudou com o glorioso maestro. Entregou-se com todo o ardor ao estudo, porém, desgraçadamente, seus recursos eram insufficientes e teve que voltar aos Estados Unidos. continuou a trabalhar com ardor, com a tenacidade ardente dos que desejam triumphar. Depois de varios incidentes, trabalhou com a famosa Geraldine Farrar na opereta FRASQUITA,

de Franz Lehar. Seu porte insinuante, e distincto, seu rosto sempre radiante, sempre alegre, facilitaram o caminho do triumpho.

— Estou no principio de minha carreira — disse elle a um critico cinematographico. Sabe muito bem o que são os "fans". Desejam que um actor que triumphou e se impõe seja esse typo tradicional de conquistador, de aventureiro, elegante e cruel, incapaz de recolher-se á doce intimidade de um ninho delicioso, como aquelle que, dizem, tanto desejava o proprio Valentino.

RIO RITA, depois de CANÇÃO DO DESERTO, acaba de consagral-o Cavalleiro da Tavola Redonda do Cinema, ou melhor, consagrou-o o preferido da constellação radiante de Hollywood. John Boles conseguiu um longo contracto da Universal, com vencimentos de principe reinante, que muitos principes verdadeiros desejariam.

Vae reaparecer ao lado de Laura La Plante, em ESCANDALO, o film com que a Univesal vae inaugurar proximoamente a série dos seus films sonoros, no THEATRO MODERNO.

BILLIE DOVE E ROD LA ROCQUE EM UM EXCELLENTE FILM DA "FIRST NATIONAL"

Almas que se emocionam! Aqui está o presente régio da Belleza e da Harmonia para arrebatamento de todos os sentidos humanos que a Cinematographia lhe dá com "O Homem e o Momento"! Aqui está neste conjunto harmonioso de belleza e de sentimento, banhada de toda a ternura que veste o coração das mulheres e de todo o peccado que leva, sempre e sempre, os nossos olhos a despi-las numa adoravel irreverencia — a dadia da Arte á platéa recifense num film de grandeza e de magnificencias nunca superadas! Que a caudal immensa dos curtos em torno desse monumental e arrebatador romance se escõe para o lindo cinema da Empresa Luis Severiano Ribeiro para segunda, terça, quarta e quinta-feiras, que será o ultimo dia de permanencia* no cartaz — para que todo o Recife assista este espectáculo de emoção e de encanto que fiel e animada do romance que vive nas estantes e na curiosidade de todas as camadas sociais da Norte-America "O Homem e o Momento", pelo modernismo da sua these e pela audacia de sua concepção é bem a obra feita para contentamento das gerações de hoje, tão equilibradas as suas loucuras, tão comprehensíveis e perdoavels os erros que no seu desenrolar nos surgem e tão bons e invejavels e perdoavels os erros que mostram e que nós peccamos tambem!...

Que a tod@s pois, caiba a gloria de assistir "O Homem e o Momento" no Th. PARQUE, a começar de segunda-feira proxima.



Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS
FINAS E RESISTENTES.

— PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS —

A' VENDA EM TODAS AS
CASAS DE 1.ª ORDEM

Representantes exclusivos:

Alberto Fonseca & Cia. Ltda.

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122

RECIFE - PERNAMBUCO



Sobre-tudo de ga-
bardine para
meninos de 6 a
15 annos

Pelerines de
cazemira com
Capur

Capinhas e casa-
quinhas de malha
para creancinhas

Casacos de ma-
lha para senhoras

Sobre-tudos para homens.
O maior e o melhor sortimento
de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 - RUA NOVA

Rs. 14.608:554\$263

EM 1929

PELA RECEITA DE PREMIOS

Entre todas as Companhia do genero
que operam no Brasil, foi

A SUL AMERICA

TERRESTRES

MARITIMOS E

ACCIDENTES

A PRIMEIRA

Augmento de premios registado durante o anno:

RS. 3.409:1600583

Sob a mesma Administração da "SUL AMERICA"

SUCCURSAL EM PERNAMBUCO

Caixa Postal, 68

Telephone, 9383

AV. RIO BRANCO, 50 - 1.º ANDAR

MINHA INFANCIA, ETC.

(Continuação da página 27)

disso achava-me muito feio e pensava que, para a honra da família, era preciso occultar-me o mais possível.

Uma vez deixou-me no carro, em frente de um bazar, e, por pouco que minha carreira não terminava debaixo das patas do jumento bala de um fazendeiro.

Sahimos de Burchard quando eu tinha apenas seis mezes. Creio que fomos primeiro a Humboldt e um pouco mais tarde a Pawnee City. Depois fomos a Denver onde ficamos muito pouco tempo, partindo logo para Beatrice. De Beatrice dirigimo-nos a Omaha. Não sei por que digo-vos tudo isto. Esses nomes nada significam para vós.

O Nebraska é um paiz muito frio e, há vinte ou trinta e cinco annos, a vida lá não era muito facil sobretudo nas pequenas cidades e nas fazendas. Minhas lembranças mais remotas referem-se a espaços sem fim, á immensidade, ao ao frio rigoroso, ás terras desnudas. Havia, entretanto, em tudo isto, alguma coisa de passional, e parece-me que tivemos mais alegrias que os meninos de hoje. Trabalhavam rudemente o que foi bom p'ra nós. Os invernos eram rigorosos porém maravilhosos. Havia neve por toda parte, montanhas de neves a milhares de leguas em redor, bloqueando as pequenas casas de madeira, pendendo da borda dos tetos.

Tão longe quanto os olhos podiam vêr, durante mezes e mezes, so havia neve e gelo. Mas era um tempo maravilhoso para fazer sport.

Aos cinco annos quasi fico com os dois pés gelados e estropiado para o resto da vida. Questão de cinco ou dez minutos apenas! Meu irmão Gaylord fazia parte de uma tropa de rapazes mais velhos e toda a minha ambição era seguil-os na sua audaciosa carreira. Elles iam patinar no rio, uma tarde muito fria, e eu queria acompanhá-os. Sabeis como são os irmãos quando têm amizade um pelo outro, sempre inseparaveis! Eramos sem duvida os dois amigos mais inseparaveis da cidade. Eu gritava, chorava, agarrava-me ás saias de minha mãe para que me deixasse ir; finalmente ella me deu permissão. Pedi a Gaylord para fazer fogo sobre o rio, afim de me aquecer, e para não se descuidar de mim.

Apesar de seguil-os pensamente eu me sentia maravilhosamente feliz! Elles fizeram um grande fogo, muito confortavel, perto do qual me sentei. Pouco tempo depois, porém, o fogo se extinguiu. O frio augmentava de mais em mais. Tentei refazê-lo, mais não conseguí. Puz-me a chorar lagrimas amargas, todos porém tinham desaparecido na curva do rio e não me podiam ouvir. Lembro-me do meu terror quando a noite começou a cair.

Quando Gaylord e seus amigos voltaram, eu estava gelado. Lembrome que não sentia nem os pés nem o solo. Esta sensação nova espantava-me, mas eu tinha muito frio; tinha muito medo.

Quando cheguei em casa minha mãe quasi desmalava.

Meus pés estavam negros de frio. Ella não sabia o que fazer primeiro, se se occupar de mim ou de Gaylord. Finalmente ella e meu pae dividiram a tarefa. Minha mãe começou a friccionar-me os pés, enquanto papae applicava em Gaylord a respectiva sóva. Depois de uma tratamento que me arrancou gritos de angustia, meus pés estavam salvos.

Pude andar antes que Gaylord fosse capaz de se sentar!

Mas elle reparou a falta, porque no verão seguinte, salvou-me de um afogamento.

Gostei sempre de nadar e queria fazer como os meninos grandes. Saltava na parte mais funda do rio. Vim á superficie umas duas vezes, mas estive bem encaminhado para a eternidade, na terceira, quando elle me agarrou pelo cabellos e trouxe-me á margem.

Sempre fui celebre em todas as cidades onde morámos, pelas minhas sardas. E eu tinha orgulho nelas, apesar de serem as mais vermelhas, as mais visiveis que já conheci. Sempre me descreviam como "o menino Lloyd do rosto cheio de sardas."

Harold Lloyd



Scena de "Regeneração", film sonoro da "First National", com Richard Barthelmess

THEATRO MODERNO

Apparelhos sonoros de
R C A PHOTOPHONE
os mais preferidos

NA PROXIMA SEMANA!!!

Inicio das produções sonoras da

UNIVERSAL PICTURES

COM

Laura La Plante



E

John
Boles



EM

ESCANDALO



Produção escolhida e destinada, pelos seus múltiplos aspectos, quer como obra d'arte, quer como ótima oportunidade de diversão, a um grande sucesso

Film
synchronizado,
musicado e
com dialogos

PARA PREPARAR O SEU ALIMENTO

USE O

**FOGÃO
A GAZ**

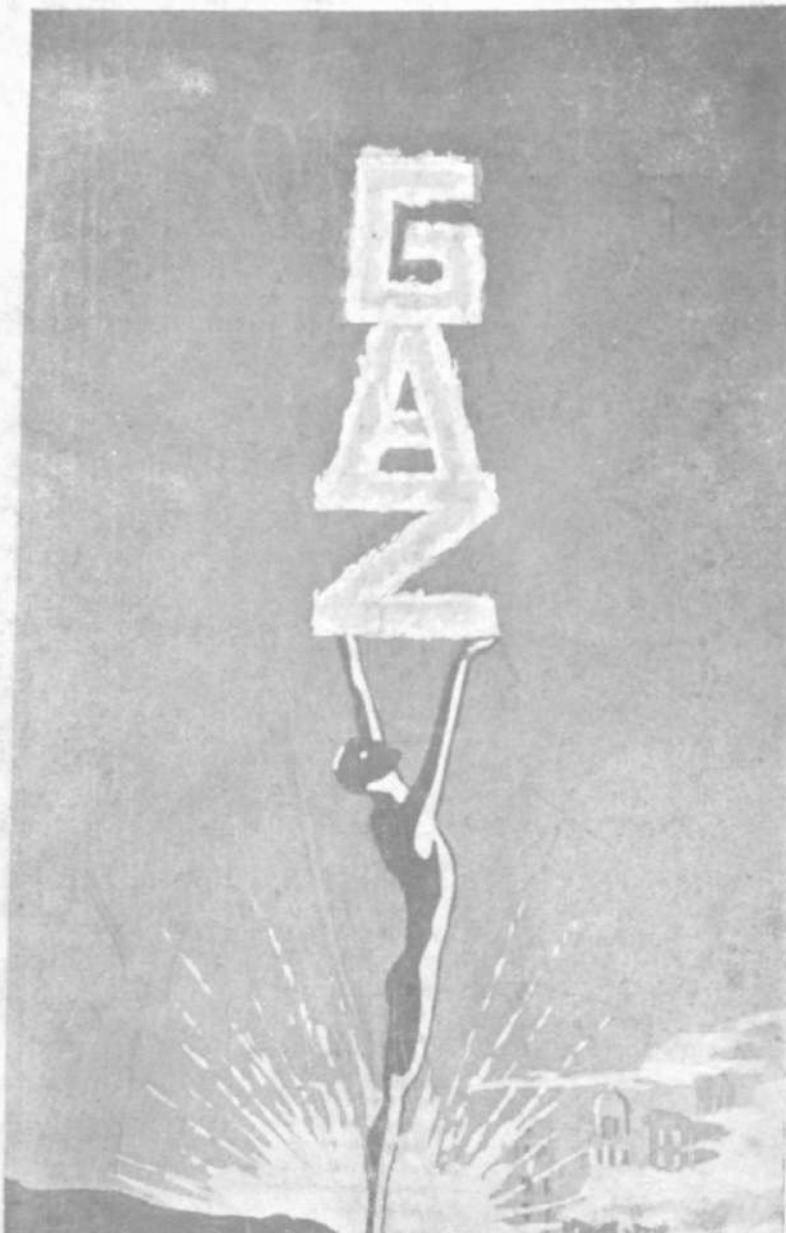
Gaz é o combustível mais limpo, rápido e vantajoso até hoje conhecido e também considerado como o mais higienico e pratico.

**de 5\$000
mensaes**

para cima ha aparelhos a gaz, portanto ao alcance de todas as bolsas.

NÃO DEMORE

Visite o nosso Salão de Demonstrações, onde teremos o maior prazer em lhe explicar as vantagens offerecidas pelo nosso Plano de Pagamentos a Prazo.



**O SEU
FIEL SERVIDOR**

PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER C.^o L.^{TD}
RUA 1.^o DE MARÇO

Estabelecerá, a partir de 28 do corrente, um concurso para os educandas dos estabelecimentos d'ensino da câpital, que será breve publicado.